ALMANACH.

DAS

DAMAS.

PARA O ANNO

DE

1857

ALMANACH DÁS DAMAS
PARA O ANNO DE 1857.

ALMANACH

DAS

DAMAS,

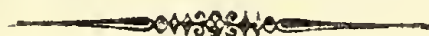
PARA O ANNO DE 1857

(PRIMEIRO DEPOIS DO BISSEXTO.)

DEDICADO AOS ASSIGNANTES

DO

MENSAGEIRO DAS DAMAS.



LISBOA

NA TYPOGRAFIA DE LUIZ CORREA DA CUNHA
COSTA DO CASTELLO N.º 15.

1856.

FESTAS MOVEIS.

Septuagesima — 8 de Fever.	Ascensão — 21 de Maio.
Cinza — 25 de Fevereiro.	Trindade — 7 de Junho.
Paschoa — 12 d'Abril.	Corpo de Deos — 11 de Jun.
Ladainhas — 18, 19 e 20 de Maio.	Coração de Jesus — 19 Jun.
	Advento — 29 de Novembro

QUATRO ESTAÇÕES DO ANNO.

Primavera — a 20 de Março.	Outono — a 23 de Setembro
Estio — a 21 de Junho.	Inverno — a 21 de Dezembro

Benções

São prohibidas desde quarta feira de Cinza até ao 1.º Domingo da Paschoa, e desde o 1.º Domingo do Advento até dia de Reis.

DIAS DE GRANDE GALA.

1 de Janeiro: dia d'anno bom. (Beijamão)

29 d'Abril: dia em que S. M. I. o sr. D. Pedro IV decretou e deu a Carta Constitucional. (Beijamão.)

31 de Julho: juramento da Carta e Nascimento de S. M. I. a S.ª duqueza de Bragança (Beijamão.)

16 de Setembro: Nascimento de S. M. Fidelissima o sr. D. Pedro V. (Beijamão.)

29 de Outubro: nascimento de S. M. o sr. D. Fernando (Beijamão.)

PEQUENA GALA.

17 de Fevereiro: nascimento da serenissima senhora infanta D. Antonia.

10 de Março: nascimento do serenissimo senhor infante D. João.

12 d'Abril: Domingo de Paschoa.

30 de Maio: dia do nome de S. M. o sr. D Fernando.

11 de Junho: Corpo de Deus.

19 de Junho: Coração de Jesus.

4 de Julho: nascimento da serenissima senhora D. Isabel Maria.

10 de Julho: nome de S. M. Imperial o senhora duqueza de Bragança.

21 de Julho: nascimento da serenissima senhora infanta D. Maria Anna.

23 de Julho: nascimento do serenissimo senhor infante D. Fernando.

31 de Outubro, Nascimento do Serenissimo Sen'or Infante D Luiz.

4 de Novembro: nascimento do serenissimo senhor infante D. Augusto.

1 de Dezembro: acclamação do senhor D. João IV.

25 de Dezembro: dia de Natal.

31 de Dezembro: dia de S. Silvestre.

Eclipses do Sol e da Lua.

25 do Março — Ecclipse total do Sol (invisivel em Lisboa.

18 de Setembro — Eclipse annular do Sol (invisivel em Lisboa.)

CALENDARIO

PARA O

ANNO DE 1857.

(PRIMEIRO DEPOIS DO BISSEXTO.)



JANEIRO TEM 31 DIAS.

1 Quinta ✠ Circumcisão do Senhor. Grande Gala. Beijamão.
2 Sexta. S. Isidoro, B. M.
3 Sabbado. S. Antero, P. M. S. Aprigio, B. de Beja, Portuguez. S. Genoveva, V. Quarto crescente ás 11 horas e 37 min. da manhã.
4 Domingo. S. Gregorio, B. S. Tito, discipulo de S. Paulo.
5 Segunda. S. Simeão Estelita. S. Apolinaria, V. S. Telesphoro, P. M.
6 Terça ✠ Dia de Reis.
7 Quarta. S. Theodoro, Monge. Abrem-se os tribunaes.
8 Quinta. S. Lourenço Justiniano, Patriarcha de Veneza.
9 Sexta. S. Julião M.
10 Sabbado. S. Paulo 1.º Eremita. S. Gonçalo de Amarante. Lua cheia ás 8 horas e 31 min. da m.

11 Domingo (1.º depois dos Reis.) N. S. de Jesus. S. Hygino, P. M.
12 Segunda. S. Satyro, Martyr.
13 Terça. S. Hilario B.
14 Quarta. S, Felix, Martyr.
15 Quinta. S. Amaro, Abb.
16 Sexta. Os Santos Martyres de Marrocos. S. Marcello, P. M.
17 Sabbado. S. Antão, Abb. S. Leonilla, M.
18 Domingo (2.º depois dos Reis.) SS. Nome de JESUS. N. S. da Divina Providencia. A cadeira de S. Pedro em Roma. S. Prisca, V. M. Quarto minguante ás 4 horas e 13 min. da manhã.
19 Segunda. S. Canuto, rei de Dinamarca, Martyr.
20 Terça. S. Sebastião, M.
21 Quarta. (Jejum no Patriarchado.) Santa Ignez V. M.
22 Quinta ✠ S. Vicente M. Padroeiro de Lisboa e do Algarve. S. Anastacio.
23 Sexta, Os Desposorios de N. S. com S. José. S. Raymundo de Penafort. S. Ildefonso.
24 Sabbado. N. S. da Paz. S. Timotheo, B. M. O B. Marcolino, D.
25 Domingo (3.º depois dos Reis.) Conversão do Apostolo S. Paulo. Lua nova ás 10 horas e 49 minutos da tarde.
26 Segunda. S. Polycarpo. B. M. S. Paula V.
27 Terça. S. João Chrisostomo B. e Dout. da Igreja.
28 Quarta. S. Cyrillo, B. A B. Veronica, A. Trasladação de S. Thomaz d'Aquino. O B. Matheus de Agrigento, B.
29 Quinta. S. Francisco de Salles, B. S. Pedro Thomaz.
30 Sexta. S. Martinha, V. M. S Jacintha.
31 Sabbado. (Jejum, excepto nos Bispados d'Elvas e Viseu.) S. Pedro Nolasco, C. S. Cyro M.

FEVEREIRO TEM 28 DIAS.

1 Domingo (4.° depois de Reis.) S. Ignacio, B. M. S. Brigida. O B. André de Conti.
2 Segunda ✠ Purificação de N. Senhora.
3 Terça. S. Braz, B. M. O B. Odorico, F.
4 Quarta. S. André Corsino, B. S. José de Leonisa.
5 Quint. S. Agueda, V. M. Os Martyres do Japão, S. Pedro Baptista e seus Comp.
6 Sexta. As Chagas de Christo. S. Dorothea, V. M. D. B. Antonio de Amandula.
7 Sabbado. S. Romualdo, Ab. S. Ricardo, rei de Inglaterra.
8 Domingo da Septuagesima. S. João da Matta, Fundador da Ordem da SS. Trindade. Quarto minguante á 1 hora e 43 minutos da manhã.
9 Segunda. S. Apolonia, V. M. advogada contra a dôr de dentes.
10 Terça. S. Escholastica, V. S. Guilherme, duque d'Aquitania, A.
11 Quarta. S. Lazaro, B. Os 7 Fundadores dos Servitas. A B. Joanna Valesia.
12 Quinta. S. Eulalia, V. M.
13 Sexta. S. Gregorio II, Papa S. Catharina de Ricci, V. D. A B. Viridiana, V. F.
14 Sabbado. S. Valentim, M.
15 Domingo da Sexagesima. Trasladação de S. Antonio. Os Santos Faustino e Jovita, MM.
16 Segunda. S. Porphyrio, M.
17 Terça. S. Faustino, M. O B. Nicoláu de Longobardis, Minimo. Faz 12 annos a Seren. Sr.ª Infanta D. Antonia. Peq. Gala. Quarto ming. á 1 hora e 43 minutos da manhã.

18 Quarta. S. Theotonio, 1.º Prior de Santa Cruz d Coimbra. S. Simeão, B M.
19 Quinta. S. Conrado F. O B. Alvaro de Cordova.
20 Sexta. S. Eleuterio B. M.
21 Sabbado. S. Maximiano, B. M. S. Angelo de Miricia.
22 Domingo da Quinquagessima. S Margarida de Cortona. A cadeira de S. Pedro em Antiochia.
23 Segunda (jejum.) S. Pedro Damião B.
24 Terça. S Mathias, Ap. S. Pretextato, B. Lua nova ás 11 horas e 21 minutos da manhã.
25 Quarta feira de Cinza. S. Cesareo, irmão de S. Gregorio Nazianzeno.
26 Quinta. S. Torcato, M. Arcebispo de Braga.
27 Sexta. S. Leandro Arcebispo de Sevilha.
28 Sabbado. S. Romão, Ab. O B. Thomaz de Cora. 2.ª Trasladação de S. Agostinho.

MARÇO TEM 31 DIAS.

1 Domingo (1.º de Quaresma.) S. Adrião, Martyr. S Rozendo Portuguez. A B. Mathia de Nazareis, F.
2 Segunda. S. Simplicio, Papa.
3 Terça. S. Hemeterio, M. S. Conegundes. Quarto crescente ás 4 horas e 54 minutos da manhã
4 Quarta. (Temporas.) S. Casimiro S. Lucio. P M.
5 Quinta. (Temperas). S. Theofilo B. de Cesarea O B. João José. F.
6 Sexta. S Ollegario, B. S. Colleta. V. S. Marciano, B. M. Procissão dos Passos da Graça.
7 Sabbado. (Temporas) S. Thomás d'Aquino, Doutor da Igreja. Ss. Perpetua e Felicidade Mm.
8 Domingo (2.º de Quaresma.) S. João de Deos.
9 Segunda. S. Francisca Romana, V. S. Catharina de Bolonha, V. F.

10 Terça. S Militão e seus 39 Comp. Mm. Lua cheia ás 3 horas e 40 minutos da tarde.
11 Quarta. S. Candido, M.
12 Quinta. S. Gregorio P. e Dr. da Igreja.
13 Sexta A B. Sancha, V. Infanta de Portugal. S. Rodrigo, M. S. Eufrasia, V.
14 Sabbado. Trasl. de S Boaventura. S. Mathilde.
15 Domingo (3.º da Quaresma.) S. Zacharias, P. S. Longuinhos. Soldado, M.
16 Segunda S. Cyriaco, M. Faz 15 annos o Seren. Sr. Infante D. João. Peq Gala.
17 Terça S. Patricio, Ap. da Irlanda.
18 Quarta. S. Gabriel, Archanjo. S. Narciso, Arceb. de Braga. O B. Salvador da Horta, F, Quarto minguante ás 8 horas e 27 minutos da tarde.
19 Quinta. S, José, Esposo de N. Senhora.
20 Sexta. S. Martinho Dumiense, Arceb. de Braga. O B. João de Parma, F. Principia a Primavera. — (Procissão dos Passos em Belem e no Desterro.)
21 Sabbado S. Bento, Ab.
22 Domingo (4.º da Quaresma.) S. Benevenuto, B. S. Emygdio, B. M. S. Ambrosio de Sena, D.
23 Segunda. S. Felix e seus Comp. Mm.
24 Terça. Instituição do SS. Sacramento. S. Marcos, M. S Agapito, B.
25 Quarta. ✠ Annunciação de N. Senhora. Lua nova ás 9 horas e 52 min. da tarde.
26 Quinta. S. Ludgero, B. S. Theodoro, B. Martyr. S. Braulio, B.
27 Sexta, S. Roberto, Bispo.
28 Sabbado S. Alexandre, M.
29 Domingo de Lazaro. S. Victorino e seus Comp. Mm.
30 Segunda. S. João Climaco. A B. Angela de Fulgino, Viuva.

31 Terça. S. Balbina, V. S. Benjamim, Diácono, M.

ABRIL TEM 30 DIAS.

1 Quarta. As Chagas de Santa Catharina de Sena. S. Macario. Quarto crescente aos 57 min. da t.
2 Quinta. S. Francisco de Paula. S. Maria Egypciaca.
3 Sexta. As Sete Dôres de N. Senhora. S. Ricardo, B S. Benedicto, F. S. Pancracio, B. M,
4 Sabbado. S. Isidoro, Arceb. de Sevilha. S. Zozimo.
5 Domingo de Ramos. S. Vicente Ferrer, D, Principião as férias.
6 Segunda. S. Marcellino, M. A B. Catharina de Pallancia, A.
7 Terça. S. Epifanio, B. M.
8 Quarta feira de Trevas.
9 Quinta de Endoenças (✠ desde o meio dia até ao meio dia seguinte) Trasladação de S. Monica. Lua cheia ás 8 horas e 52 minutos da manhã.
10 Sexta feira de Paixão (✠ até ao meio dia) S. Ezequiel, Propheta. O B. Antonio, M. D.
11 Sabbado de Alleluia. S. Leão I, Papa O B. André do Monte Real, A.
12 Domingo de Paschoa. S. Victor, M. Portuguez. O B. Angelo de Clavasio. Pequena gala.
13 Segunda (1.ª Oitava.) S. Hermenegildo, M. A B. Margarida do Castello, V. D.
14 Terça (2.ª Oitava.) S. Tiburcio e S. Valeriano Mm. S. Pedro Gonçalves Telmo.
15 Quarta. S. Basilissa e S. Anastacia, Martyres, S. Eutychio, Martyr.
16 Quinta S. Engracia, V. M. S. Fructuoso, Arceb. de Braga.
17 Sexta. S. Aniceto, P. M. S, Elias, Monge Portu-

guez. Quarto minguante ás 11 horas e 24 min. da manhã.
18 Sabbado. S. Gualdino, B. e Cardeal. O B. André Hilbernon, F.
19 Domingo da Paschoela. S. Hermegenes, M. O B. Conrado Miliano, F.
20 Segunda. N. Senhora dos Prazeres. S. Ignez de Montepoliciano, V. D. Terminam as ferias.
21 Terça S. Anselmo, Arceb. de Cantuaria.
22 Quarta. Santos Sotero e Caio, Mm. S. Senhorinha.
23 Quinta. S. Jorge, M., Defensor do Reino. Procissão da Saude.
24 Sexta. S. Fiel de Sigmaringa, M. F. S. Honorio, B. Lua nova ás 6 horas e 37 minutos da manhã.
25 Sabbado. S. Marcos Evangelista.
26 Domingo do Bom Pastor. Fugida de Nossa Senhora. S. Pedro de Rates. 1.º B. de Braga.
27 Segunda. S. Tertuliano, B. S. Toribio, Arceb.
28 Terça. S. Vital, M. S. Prudencio, B. O B. Lucio, F. O B. Agostinho de Novelo, A.
29 Quarta. S. Pedro M. D. S. Hugo, Ab. Anniversario da outhorga da Carta Constitucional de 1826. Grande Gala. Beijamão.
30 Quinta. S. Catharina de Sena. V. S. Peregrino, servita. Quarto minguante ás 11 horas e 41 minutos da tarde.

MAIO TEM 31 DIAS.

1 Sexta. S. Filippe e S. Thiago, App. S. Segismundo.
2 Sabbado. S. Anastacio, B. A B. Mafalda, V. Infanta de Portugal.
3 Domingo, Maternidade de N. Senhora. Invenção da Santa Cruz.

4 Segunda Santa Monica, Mãi de Santo Agostinho.
5 Terça. Conversão de S. Agostinho. S. Pio V, Papa, D. S. Angelo, M. C.
6 Quarta. S. João *ante portam latinam.* S. João Damasceno.
7 Quinta. S. Estanisláo, B. M.
8 Sexta. Apparição de S. Miguel Archanjo.
9 Sabbado. S. Gregorio Nanzianzeno, B. Lua cheia á 1 hora e 34 minutos da manhã.
10 Domingo. S. Antonio, Arceb. de Florença, D.
11 Segunda. S. Anastacio, M.
12 Terça, S. Joanna, Princeza de Portugal, V. D.
13 Quarta. N. Senhora dos Martyres. S. Pedro Regalado, F. O B. Alberto de Bergamo, D.
14 Quinta. S. Gil, D. S. Bonifacio, M.
15 Sexta. S. Isidro, lavrador. O B. Egydio, F.
16 Sabbado. S. João Nepomuceno, M. Santo Ubaldo, B. S. Simão Estok, C. Quarto minguante ás 10 horas e 33 minutos da tarde.
17 Domingo. S. Paschoal Baylão, F. S. Possidonio.
18 Segunda (Ladainhas). S. Venancio, M. S. Erico.
19 Terça (Ladainhas). S. Pedro Celestino, Papa. S. Ivo.
20 Quarta (Ladainhas, jejum.) S. Bernardino de Sena, F. A B. Columba de Riete, V. D.
21 Quinta. ✠ Ascenção. S. Manços, 1.º bispo d'Evora.
22 Sexta. S. Rita de Cassia, V. A. S. Quiteria, V. M. e oito irmãs, portuguezas. S. Helena.
23 Sabbado. S. Basilio, Arc. de Braga. Lua nova ás 2 horas e 11 min. da tarde.
24 Domingo. S. Afra, M. O B. João do Prado, M. F. Traslad. de S. Domingos.
25 Segunda. S. Gregorio, P. S. Urbano, P. M.
26 Terça. S. Filippe Nery, Fundador da Congregação do Oratorio.

27 Quarta. S. João, P. M. O Veneravel Beda.
28 Quinta. S. Germano, B.
29 Sexta. S. Maximo, B.
30 Sabbado (Jejum.) S. Fernando, rei de Castella. S. Felix, P. M. Nome de S. M. El-Rei. Peq. Gala.
31 Domingo de Pentecostes. S Petronilla, V. O B. Diogo Salomão, D.

JUNHO TEM 30 DIAS.

1 Segunda. (1.ª Oitava.) S. Firmo, M. O B. Jacobo de Strepa.
2 Terça (2.ª Oitava.) S. Marcellino M. O B. Sadoc e seus 48 Comp. Mm.
3 Quarta. (Temporas, jejum.) S. Paula, V. Martyr. S. Ovidio, B. de Braga.
4 Quinta. S. Francisco Caraciolo. S. Quirino, B. M.
5 Sexta. (Temporas, jejum.) S. Marciano, Martyr. S. Bonifacio, B. M. O B. Pacifico, F.
6 Sabbado. (Temporas, jejum.) S. Norberto, B. S. Paulina, V. M.
7 Domingo da SS. Trindade. S. Roberto, Ab. Lua cheia ás 4 horas e 46 minutos da tarde.
8 Segunda. S. Salustiano, C. S. Severino, B. O B. Francisco de Patriciis, Servita.
9 Terça. S. Primo e S. Feliciano, Martyres. S. Melania.
10 Quarta. S. Margarida, rainha de Escocia.
11 Quinta. ✠ Corpo de Deos. S. Barnabé Ap. Procissão da Cidade. Pequena gala.
12 Sexta. (Jejum no Patriarchado.) S. João de S. Fagundo. S. Onofre. O B. Guido, F.
13 Sabbado. ✠ S. Antonio de Lisboa.
14 Domingo. S. Basilio Magno, Bispo. S. Eliseo, Prof.

15 Ssgunda. S. Vito, M. Quarto minguante ás 6 horas e 33 minutos da manhã.
16 Terça. S. João Francisco Regis. S. Aurelio, bispo.
17 Quarta. S. Thereza, rainha de Leão, Portugueza. S. Manuel e Irmãs, Mm. O B. Paulo de Arezzo.
18 Quinta. (Jejum.) S. Marcos e S. Marcellino, Irmãos Martyres. A B. Osana, V. F.
19 Sexta. ✠ SS. Coração de JESUS. S. Juliana de Falconer, V. S. Gervasio e S. Protasio, Martyres. A B. Miquelina, V. F. Festa da Ordem de Christo no Conv. da Estrella. Peq. gala.
20 Sabbado. S. Silverio, P. M. S. Macario.
21 Domingo. N. Senhora Mãi dos homens. S. Luiz Gonzaga. Lua nova ás 9 horas e 27 m. da tarde.
22 Segunda. S. Paulino, B. O B. Filippe de Placencia, A.
23 Terça (Jejum.) S. João, Sacerdote. S. Edeltrudes, rainha de Bretanha.
24 Quarta ✠ Nascimento de S. João Baptista.
25 Quinta. S. Guilherme, Ab. S. Febronia, V. M. S. Tude, advogado contra a tosse.
26 Sexta. S. João e S. Paulo, Irmãos Martyres. S. Pelagio. M.
27 Sabbado. (Jejum.) S. Ladisláu, rei d'Hungria. O B. Benvenuto, F.
28 Domingo. Pureza de N. Senhora. S. Leão II, Papa.
29 Segunda. ✠ S. Pedro e S. Paulo, Apostolos. Quarto crescente ás 3 horas e 43 m. da manhã.
30 Terça. S. Marçal, B.

JULHO TEM 31 DIAS.

1 Quarta. S. Theodorico, Ab.
2 Quinta, Visitação de N. Senhora.

3 Sexta. S. Jacintho, M S. Heliodoro, B.
4 Sabbado. S. Isabel, rainha de Portugal. Faz 56 annos a serenissima Senhora Infanta D. Isabel Maria. Peq. Gala.
5 Domingo. S. Athanasio, M. O B. Miguel dos Santos, advogado contra os cancros e tumores.
6 Segunda. S. Domingos, V. M.
7 Terça. S. Pulcheria, V. S. Claudio e seus comp. Mm. Lua cheia ás 6 horas o 8 minutos da manhã.
8 Quarta. S. Procopio, M. O B. Lourenço de Pruduzio.
9 Quinta. S. Cyrillo, P. M. O B. João de Colonia.
10 Sexta. S. Januario e seus comp. Mm. S. Amelia V. Dia do nome de S. M. I. a senhora Duqueza de Bragança. Peq. gala.
11 Sabbado. S. Sabino. Traslad. de S. Bento.
12 Domingo. N. Senhora do Patrocinio. S. João Gualberto, Ab. S. Nabor e S. Felix, Mm.
13 Segunda. S. Anacleto, P. M.
14 Terça. S. Boaventura, B. Cardeal, F. Quarto minguante ás 11 horas e 19 minutos da tarde.
15 Quarta. S. Camillo de Lelis. S. Henrique Imper.
16 Quinta. Triumpho da Santa Cruz. N. S. do Carmo.
17 Sexta. S. Aleixo.
18 Sabbado. S. Marinha, V. M. S. Frederico, B.
19 Domingo. O Anjo Custodio do Reino, Ss. Justa e Rufina, Mm. S. Vicente de Paulo.
20 Segunda. S. Jeronymo Emiliano. S. Elias, Prof.
21 Terça. S. Praxedes, V. Faz 14 annos a serenissima senhora Infanta D. Maria Anna. Peq. gala.
22 Quarta. S. Maria Magdalena.
23 Quinta. S. Apollinario, B. M. S. Liborio B. A B. Joanna Vanna, V. D. Faz 11 annos o seren. sr. Infante D. Fernando. Peq. Gala.
24 Sexta (Jejum). S. Christina, V. Martyr.

2

25 Sabbado. S. Thiago, Ap. S. Christovão.
26 Domingo. Sant'Anna Mãi da Mãi de Deus.
27 Segunda. S. Pantaleão, Medico e M. A B.
28 Terça. S. Innocencio, Papa. Quarto crescente ás 8 horas e 37 min. da tarde.
29 Quart. S. Martha, V. S. Olavo, rei da Noruega, M.
30 Quinta. S. Rufino, Martyr.
31 Sexta. S. Ignacio de Loyola. Juramento da Carta Constitucional. Faz 45 annos S. M. I. a senhora Duqueza de Bragança. Grande gala. Beijamão.

AGOSTO TEM 31 DIAS.

1 Sabbado. S. Pedro *ad Vincula*. Os Mm. de Chellas.
2 Domingo. N. Senhora dos Anjos. S. Estevão, P. M.
3 Segunda. Invenção de S. Estevão, Proto-Martyr.
4 Terça. S. Domingos.
5 Quarta. N. Senhora das Neves. Lua cheia ás 5 hor. e 52 minutos da tarde.
6 Quinta. Transfiguração de Christo. S. Thiago,
7 Sexta. S. Caetano. S. Alberto, da Ordem do Carmo.
8 Sabbado (Jejum.) S. Cyriaco e seus Comp. Mm.
9 Domingo. S. Romão, M. O B. João de Salerno.
10 Segunda. S. Lourenço, Martyr. S. Filomena, V.
11 Terça. S. Tiburcio e S. Suzanna. Mm.
12 Quarta. S. Clara. V. F. Quarto minguante ás 5 hor. e 4 minutos da tarde.
13 Quinta. S. Hypolito e S. Cassiano, M. M.
14 Sexta (jejum) S. Eusebio. S. Athanasia, V. O B. Sanches. F. A. B Juliana do Busto.
15 Sabb. ✠ Assumpção de N. S.
16 Domingo. S. Joaquim Pai de N. S. S. Roque, F.
17 Segunda. S. Mamede. M. A. B. Emilia, V. D.
18 Terça. S. Clara de Monte Falco, V. A. S. Lauro.

19 Quarta. S. Luiz, B. F. Lua nova ás 3 horas e 48 minutos da tarde.
20 Quinta. S. Bernardo, Ab e Dr. da Igreja.
21 Sexta. S. Joanna Francisca, V. S. Anastacio, M.
22 Sabbado. (Jejum) S. Thimotheo, M.
23 Domigno. S. Fillipe Benicio. S. Liberato.
24 Segunda. S. Bartholomeu, Ap.
25 Terça. S. Luiz, Rei de França.
26 Quarta. S. Zepherino, P. M.
27 Quinta. S. José de Calazans, S. Rufo, Bispo Martyr. Quarto crescente ás 2 horas e 29 minutos da tarde.
28 Sexta S. Agostinho, B. e Dr. da Igreja.
29 Sabbado. Degolação de S. João Baptista.
30 Domingo. Sagrado Coração de Maria. S. Rosa de Lima, V. D.
31 Segunda. S. Raymundo Nonnato, Cardeal.

SETEMBRO TEM 30 DIAS.

1 Terça. S. Egydio, Ab. Começam as ferias.
2 Quarta. S. Estevão, S. Brocardo, C.
3 Quinta. S. Eufemia, V. M. Os Bemaventurados João de Perusa e Pedro de Saxoferrate, M M.
4 Sexta. S. Rosa de Viterbo, F. S. Candida. Lua nova ás 4 horas e 31 minutos da manhã.
5 Sabbado. S. Antonino, M. A. O B. Gentil, Martyr.
6 Domingo. S. Libania, V.
7 Segunda (Jejum). S. João, M. S. Anastacio, M.
8 Terça. Natividade de N. S. S. Adrião, M.
9 Quarta. S. Sergio. P. A. B. Seraphina, V.
10 Quinta S. Nicoláu Tolentino. A. Quarto minguante as 10 horas e 13 minutos da tarde.
11 Sexta. S. Theodora Penitente.

12 Sabbado. S. Auta, V. M.
13 Domingo. Santissimo Nome de Maria. S. Filippe, M.
14 Segunda. Exaltação da Santa Cruz
15 Terça. S. Domingos em Soriano. S. Nicomedes, M.
16 Quarta. (Temporas, Jejum). Trasladação de S. Vicente, M. S. Cornelio, M. Faz 20 annos S. M. o Sr. D. Pedro V. Grande Gala: Beijamão.
17 Quinta. S. Pedro de Arbues, M. As Chagas de S. Francisco.
18 Sexta. (Temporas Jejum). S. José de Cupertino. S. Thomaz de Villa Nova, B. Lua nova ás 4 horas e 56 minutos da manhã.
19 Sabbado. (Temporas, Jejum). S. Januario. B. M.
20 Domingo. Festa das Dores de N. S. S. Eustachio
21 Segunda. S. Matheus, Ap. e Evangelista.
22 Terça, S. Mauricio, Martyr.
23 Quarta. S. Lino, P. M. S. Tecla, V. M.
24 Quinta. N. S. das Mercês.
25 Sexta. S. Firmino, B. M. S. Herculano Soldado.
26 Sabbado, S. Cypriano e S. Justina, M. M.
27 Domingo. S. Cosme e S. Damião, Martyres.
28 Segunda. S. Wenceslau, Duque de Bohemia. — Quarto crescente ás 8 horas e 23 m. da manhã.
29 Terça. S. Miguel Archanjo.
30 Quarta. S. Jeronymo, Dr. da Igreja. Acàbão as ferias.

OUTUBRO TEM 31 DIAS.

1 Quinta. Santos Verissimo, Maxima e Julia, Irmãos Mm. Portuguezes. S. Remigio, B.
2 Sexta. Os Anjos da Guarda.
3 Sabbado. S. Candido, M. S. Maximiano, Bispo. Lua cheia ás 2 horase 32 minutos da tarde.

4 Domingo Santissimo Rosario de N. S. S. Francisco de Assiz.
5 Segunda. S. Placido e seus Companheiros. Mm.
6 Terça S. Bruno.
7 Quárta. S. Marcos, Papa. O Bemaventurado Matheus Carrerio, da Ordem de S. Domingos.
8 Quinta. S. Brigida, Viuva, Princesa de Nericia.
9 Sexta. S. Dyonisio, B. de Paris. Santos Andronico e Atanasio, Mm.
10 Sabbado. S. Francisco de Borja Padroeiro do Reino e Conquistas. S. Luiz Beltrão. Quarto minguante ás 5 horas e 16 minutos da manhã.
11 Domingo. N. S. dos Remedios. Patrocinio de S. José. S. Firmino. B. 1.ª Trasladação de S. Agostinho.
12 Segunda. S. Cypriano. B. M. S. Serafina, F.
13 Terça. S. Eduardo, Rei de Inglaterra. S. Daniel.
14 Quarta. S. Calisto, P. M.
15 Quinta. S. Theresa de Jesus, V. C.
16 Sexta. S. Martiniano, M., A. S. Gallo, Ab.
17 Sabbado. S. Hedwiges, V., Duqueza de Polonia. Lua nova ás 9 horas e 1 minuto da tarde.
18 Domingo. S. Lucas Evangelista.
19 Segunda. S. Pedro de Alcantara, F.
20 Terça. S. Iria, V. M., Portugueza S. João Cancio.
21 Quarta. S. Ursula e suas Comp. Vv. Mm
22 Quinta. Dedicação da Bazilica de Mafra. S. Maria Salomé. O B. Gregorio Celli, A.
23 Sexta. S. João Capistrano, F. S. Romão, B.
24 Sabbado. S. Raphael. S. Fortunato M.
25 Domingo. Santos Chrispim e Chrispiniano, Ir. Mm.
26 Segunda. S. Evaristo, P, M.
27 Terça. (Jejum) Os Martyres d'Evora. S. Elesbão.
28 Quarta. S. Simão e S. Judas Thadeu, Apostolos.
29 Quinta. Trasladação de S. Isabel, Rainha de Por-

tugal. S. Feliciano, M. S. Eusebia, V. M. A B. Bemvinda, V. da Ordem de S. Domingos. Faz 41 annos Sua Magestade El-Rei D. Fernando. Grande Gala. Beijamão.
30 Sexta. S. Serapião, Bispo, da Ordem do Carmo.
31 Sabbado. (Jejum) S. Quintino. M. Faz 19 annos o Seren. Sr. Infante D. Luiz Fillippe Peq. Gala.

NOVEMBRO TEM 30 DIAS.

1 Domingo. Festa de todos os Santos.
2 Segunda. Commemoração dos Defunctos. S. Victorino, M. Lua cheia ás 8 horas e 31 m. da manhã.
3 Terça. S. Malaquias, Bispo Primaz da Irlanda.
4 Quarta. S. Carlos Borromeu, Arc. Card.
5 Quinta. Ss. Zacharias e Isabel, Pais de S. João Baptista.
6 Sexta. S. Severo, Bispo M. S. Leonardo.
7 Sabbado. S. Florencio, B.
8 Domingo. S. Severiano e seus comp. Mm. Quarto ming ás 6 horas da manhã.
9 Segunda. S. Theodoro, M.
10 Terça. S. André Avelino.
11 Quarta. S. Martinho B.
12 Quinta. S. Martinho, P. M. S. Diogo.
13 Sexta. Santo Eugenio, B. de Toledo. Os Santos das Ordens de S. Bento e SS. Trindade.
14 Sabbado. Traslad. de S. Paulo, primeiro Eremita.
15 Domingo. Patrocinio de N. Senhora. Dedicação da Basilica do SS. Coração de Jesus. Santa Gertrudes Magna. O B. Alberto Magno, D.
16 Segunda. O B. Gonçalo de Lagos, A. S. Ignez, V. F. S. Valerio. A B. Luiza Nazzi, V. Lua nova ás 3 horas e 19 min. da tarde.

17 Terça. S. Gregorio Thaumaturgo, B.
18 Quarta. S. Romão.
19 Quinta. Santa Isabel, rainha de Hungria.
20 Sexta. S. Felix de Valois, Fundador dos Trinos.
21 Sabbado. Apresentação de N. Senhora.
22 Domingo. S. Cecilia, V. M.
23 Segunda. S Clemente, P. M. S. Felicidade, Martyr.
24 Terça. S. João da Cruz, C. S. Estanislão Koatsk. Quarto crescente ás 4 horas e 57 min. da tarde.
25 Quarta. S. Catharina, V. M.
26 Quinta. S. Pedro Alexandrino, B. M. A B Delfina.
27 Sexta. S. Margarida de Saboia, Viuva, D. O B. Leonardo de Porto Mauricio.
28 Sabbado. (Jejum.) S. Gregorio III.
29 Domingo (1.º do Advento). S. Saturnino, Martyr.
30 Segunda. Santo André. Apostolo.

DEZEMBRO TEM 31 DIAS.

1 Terça. S. Eloy, B. Lua cheia ás 10 horas e 20 min. da manhã.
2 Quarta. S. Bibiana, V. M.
3 Quint. S. Francisco Xavier, Apostolo das Indias.
4 Sexta. S. Barbara, V. M. S. Pedro Chrysologo B.
5 Sabbado. S. Giraldo, Arceb. de Braga. S. Sabbas.
6 Domingo (2.º do Advento). S. Nicoláo, B.
7 Segunda (Jejum). S. Ambrosio, B. e Dr. da Igreja.
8 Terça. ✠ Nossa Senhora da Conceição, Padroeira do Reino e Conquistas. Missa de Pontifical na Sé, a que assistem SS. MM. e todos os Grãos-Cruzes e Commendadores da Ordem. Benção Papal. Quarto ming. ás 6 h. da manhã.
9 Quarta. S. Leocadia, V. M.
10 Quinta. S. Melquiades, P. M.

11 Sexta. S. Damaso, P. S. Francisco, C.
12 Sabbado. S. Justino, Martyr.
13 Domingo (3.° do Advento). S. Luiza, V. M.
14 Segunda. S. Agnello, Ap.
15 Terça. S. Eusebio, B, Martyr.
16 Quarta. (Temporas, jejum.) As Virgens de Africa' MM. O B. Sebastião Magi. Lua nova ás 10 horas e 25 minutos da manhã.
17 Quinta. S. Lazaro, B. S. Bartholomeu de S. Geminiano.
18 Sexta. (Temporas, jejum.) N. Senhora do O'.
19 Sabbado. (Temporas, jejum.) S. Fausta.
20 Domingo (4.° do Advento) S. Domingos de Silles.
21 Segunda. S. Thomé, Apostolo.
22 Terça. S. Honorato. Martyr.
23 Quarta. S. Servulo, advogado contra a paralysia. S. Victoria, V. M Faz 51 annos a seren. sr.ª Infanta D. Anna de Jesus Maria.
24 Quinta (Jejum). S Gregorio, M. Ferias até aos Reis. Quarto crescente ás 6 h. da manhã.
25 Sexta ✠ Nascimento de N. Senhor JESU-CHRISTO. Peq. Gala.
26 Sabbado (1.ª oitava.) S. Estevão Proto-Martyr.
27 Domingo (2.ª oitava.) S. João, Apostolo e Evangel.
28 Segunda (3.ª oitava.) Os Santos Innocentes, Mm.
29 Terça. S. Thomaz, Arceb. de Cantuaria.
30 Quarta. S Sabino, B. Martyr. Lua cheia ás 8 horas e 35 min. da tarde.
31 Quinta. S. Silvestre, P. Te-Deum na Sé. Peq. Gala.

FIM DO CALENDARIO.

A QUEM LER.

Escrever um *Almanach* para as Damas é tarefa maior do que á primeira vista se julga; todos sabem os caprichos de que as Damas em geral são dotadas, e ninguem ignora por consequencia a dilliculdade de agradar a todas. A grande questão não está só em collecionar artigos variados e interessantes, é necessario sobre tudo ter em vista o agradar ás Damas, e ahi é que está a grande difficuldade a vencer! Que escreveremos? de que lhes fallaremos? da guerra do Oriente? para isso ahi estão os enfadonhos jornaes politicos; de modas? não faltão jornaes francezes que sacrificam á *moda* estirados artigos, e á falta d'elles, ahi temos o *Mensageiro das Damas* ás assignantes do qual vai este *Almanach* dedicado. Longe de nós a idéa de estampar nas breves paginas d'este livrinho, dedicado exclusivamente ao bello sexo, e primeiro ensaio neste genero em Portugal, artigos prenhes de erudição, em que se falle de Horacio, Hemero, Virgilio,

Catão, Cicero, e não sei de quem mais, e dotados d'uma logica cerrada e enfadonha, que promova abrimentos de boca ás nossas bellas: dirão por ahi as nossas Damas, com a galanteria que lhes é nata — Oh! Deos do Céo! pois não existe na Capital um enxame de poetas e prosadores promptos a fornecer os jornaes de recreio de toda a qualidade de artigos tanto em prosa como em verso e a maior parte das vezes, despidos de todo o interesse, e sómente com a mira na gloria — aînda que efemera — que disso lhes resulta?! — E' verdade que sim! Confessamos que a este argumento ficamos embaraçados e sem atinar-mos com a resposta devida, mas tambem confessamos ingenuamente que ha mais de dois mezes andamos — como se costuma dizer — de porta em porta pedindo artigos para o nosso *Almanach*; era uma verdadeira *montaria* que faziamos sem dó nem piedade a todos os *rapazes de esperanças* — como vulgarmente se diz — e a todas as pessoas do nosso conhecimento — bem entendido — que escreviam em *letra redonda*, e o resultado qual foi? se não fosse a bondade do nosso particular amigo o Sr. Julio Cesar Machado, d'esse espirituoso joven que está sempre prompto a servir os seus amigos, que nos forneceo a chistosa *introducção* que em seguida publicamos, não sei o que teria sido de nós em tamanho perigo; com o seu valioso auxilio e com o d'outros senhores a quem devemos favores, podemos publicar o primeiro anno do *Almanach para as Damas*, e oxalá que elle bem fadado, ache benigno acolhimento n'um cantinho do *toilette* das nossas bellas, e que escapando de ser fulminado pelo seu despreso, cresça e vigore para, nos annos seguintes, ostentar toda a galhardia de que é merecedor.

INTRODUCÇÃO.

Engulir a columna de Vendôme, ou metter na algibeira do collete a estatua de D. José I., considero eu como cousas menos difficeis do que escrever uma introducção para um Almanach. Ah! folhinhas, inemitaveis folhinhas de porta e d'algibeira, vós ao menos conservaveis-vos na dignidade de um bom kalendario — não misturaveis com as *festas annuaes*, quaesquer *versos á candêa*. Hoje um Almanach é um livro pretencioso, a conhecer-se-lhe vaidade em tudo, cheio de enfeites litterarios que é um louvar a Deos, e tendo muito de tudo que se póde dispensar, e muito pouco do que se torna preciso. Uma folhinha era uma folhinha, *et puis voilà tout.*

Eu estremeço sempre de profundo susto quando deparo com uma poesia de almanach. Ha um enxame de poetas de folhinhas e reportorios que assentaram bandeiras n'este campo ceifado da litteratura raza, e nem Deos consegue fazel-os desalojar. São homens da fortuna. Fazem versos sem conto *nem medida*, e escolhem sempre

assumptos tetricos, ou então mysteriosos. Descobrem uma *ignota dea* na primeira *queijadeira* que lhes vendeo licôr de rosas na feira do Campo Grande, e ahi vão quadras sem destino a respeito de *os olhos d'ella, as mãos d'ella, os pés d'ella, os joelhos d'ella, e ate os joanetes d'ella* !

Piedade, oh! Redemptor!

A moda de versos *a ella* já passou. Não sei se já repararam que em poesia as mulheres já não teem olhos. A' força de se ter versejado aos olhos pretos, azues, e côr *d'aza de mosca*, esterelisou-se a sementeira, e já ninguem planta olhos no quintal da poesia. Mesmo já não é bom tom fazer quadras a Julia, ou a Carolina. Agora é a época de se cantar os insectos, e os animaes. *A' borboleta — á mariposa — ao tigre — ao leão* — emfim o Bouffon em verso rimado. Esta época da poesia animaleja promette durar. Só a familia dos macacos dá para um anno: o *orang-otang*, o *saguim*, o *sagú*, etc. etc.

Realmente a poesia é a cousa mais elastica d'este mundo! a tudo se presta esta serviçal comadre. Ella faz as delicias da leitora sensivel, e embriaga de satisfação os assignantes do *Jardim Litterario*. A poesia é indispensavel, indispensabilissima. Não ha bôda feliz sem um pequeno elogio em verso, nem morte gloriosa sem uma elegia carpideira estampada n'alguma folha politica. E o que seria de vós, damas do theatro, se a poesia acabasse! ha nada que chegue a ver uma nuvem de papeis de côr e o publico aos pulos para apanhar versos! se isso não é a *gloria*.... então boa noite!

Pois os cartazes de toiros?! que seria d'esse padrão das nossas letras se lhe faltasse a poesia, a *divina poesia*?! e então os palmitos da vespera de Santo Antonio' de São João, e de São Pedro! pois que val um palmito sem uma quadra! as quadras fizeram-se para os pal-

mitos. E os dias *d'anniversario natalicio?* e *á infausta morte* do Sr. Fulano? e *no album do meu amigo* Sicrano? O mundo não póde existir sem versos....

E depois, a poesia serve para tudo. Um homem vai para casa, deita-se na sua cama, e ainda agora repara que não tem somno. O que faz? — lê versos. — Dez minutos depois está a dormir, e a ressonar.

Exemplo em contrario. — O homem está com somno, e não tem vontade alguma de comer. Succede estar em Cintra. Olha para a parede e lê a seguinte quadra:

Adeos Cintra! a sorte escaça
Ordena a minha partida,
Se déssem comer de graça
Ficava aqui toda a vida.

O nosso heroe põe-se a meditar. — « Aqui esteve um homem onde eu agora estou, que comeu, bebeu e desfructou esta elegante, esta aprasivel vida de Cintra! e este homem foi-se d'aqui sem vintem! Talvez mesmo não levasse dez réis comsigo para dar de esmolla a algum pobre no Cacem! *Se dessem comer de graça*.... — E' que o homem era de muito alimento! a idéa de comer pouco atemorisava-o. Oh! fragilidade; quando hade o homem vencer a natureza?!

N'isto o creado principia a pôr a meza. Trata-se de almoçar. Já vejo ostras, e perdizes, em companhia d'uma *Mayonaise*. O nosso homem faz viajar a vista da quadra para os piteos, e dos piteos para a quadra. De repente atira comsigo até á meza, e exclama dramaticamente a mastigar o primeiro bocado: — « A sorte escaça não ordena a minha partida, visto isso comerei. »

Moralidade. Se não fosse a poesia o homem não co-

mia, que é um grande praser, e dormia, que é um grande esperdiço.

Não sei se já observaram que, ou seja preparo para se acabar o mundo mais dia menos dia, ou seja resultado de algum exotico phenomeno da natureza, o caso é que actualmente nasce menos gente do que nascia d'antes. Observada esta circumstancia já não fica tão incrivel se eu disser que ao presente vem todos os annos ao mundo mais Almanachs do que creanças!

Não é peta. A humanidade encolhe, e a Almanachice estende-se, e multiplica-se. Tudo se encaminha a um mundo melhor, e a uma epocha mais feliz. Os homens vão acabando, e os Almanachs ficam para os substituir. Este mundo em que vivemos é uma especie de theatro, dizião nossos avós; pois seja. E' o theatro.... da *Rua dos Condes*, em ponto grande! a farça é o elemento desta sociedade que se ri de si, porque se riem uns dos outros. Pois o futuro mundo, o mundo dos Almanachs, esse então hade ser um theatro.... particular. A tragedia, e o melodrama sanguinolento hão de constituir o genero predominante d'aquella scena. O Padre Ferreira simbolisado n'uma folhinha de capa amarella será assassinado pela mão fratercida do *Almanach para os pobres*.

Todavia, oh! destino das coisas, diz um amigo meu que passa por homem que vê ao longe, os Almanachs vão tendo vida, á proporção que a litteratura vae morrendo.

O que digo dos poetas d'Almanachs não se entende com os talentos d'excepção que honrão ás vezes com as suas assignaturas as paginas d'um livro deste genero. Diz unicamente respeito aos minestreis espavoridos que acham as portas fechadas em todo o reino jornalistico, e que, fazendo da necessidade virtude, despresão a imprensa periodica para se atirarem em plena, mas desastrosa maré, ao Occeano Almanatico. Fallo dos poetas das *mariposas*, e de

meu Tejo de christal, dos vates de *anniversario natalicio* e de quadras á maneira de *viva a bella creadagem*.

Mesmo, e todos o sabem, publicão-se todos os annos por entre esta praga infinita de folhinhas á moda, tres ou quatro Almanachs dignos de se lerem e apreciarem. Mas isto tenho eu como certo, ainda em Portugal não se sabe comprehender o Almanach.

O Almanach, senhores! mas não sabeis? deve ser uma publicação ligeira, estouvada, vaga, espirituosa, e sobre tudo elegante. Uma das coisas a que este genero mais deve attender é ao titulo. O titulo é ás vezes a sua taboa de salvação! Está tudo n'isso. Que coisa é, e o que significa *Almanach cartista*! *Almanach progressista!* como assim baptisaram já alguns?! Neste moderno genero acha-se incarnado um dos mil caprichos, e ficções da moda. Logo seja em tudo elegante, chame-se *Almanach do janota*, *Almanach do parasita*, *Almanach do estudante*, *Almanach da dançarina*!

Resta fallarmos dos inimigos d'esta publicação annual. Tem-os e não são poucos. A geração decrepita antipathisa com este genero, e protesta briosamente contra os seus defeitos monstruosos. Diz, e diz bem: A antiga folhinha custava um pataco, e tinha sello; o Almanach custa seis, oito, e até doze vintens, e não tem sello! *N. B. O sello é de grande valia aos olhos da decrepita geração.* A antiga folhinha trazia tudo que o homem de bem precisa saber para a sua educação annual, e o Almanacb diz tudo, excepto o que é necessario dizer. Além destas desvantagens, acrescem os seguintes defeitos: uma familia honesta deve privar se das leituras inuteis; tudo que é inutil é prejudicial, a poesia é uma cousa perfeitamente inutil, logo é perfeitamente prejudicial. A antiga folhinha não trazia versos, mas nunca lhe escapava o *juizo do anno*; o moderno Almanach já a maior parte das vezes

não dá *juizo do anno*, e vem pejado de quanta quadra e decimas poderam engendrar. Resulta que quem soffre nisto é a commodidade domestica, porque um dono de casa punha a folhinha pregada na porta, porque a folhinha era uma cousa licita e sisuda, e agora vê-se reduzido a fechar á chave o Almanach, pois não vá a filha mais velha, ou mesmo, a pudibunda consorte, entregar-se á leitura venenosa de alguns artigos de pouco edificante moral. O' seculo das más tendencias, que vais abolindo as procissões e multiplicando os Almanachs! O' civilisação até onde levarás tu o destino das folhinhas de porta, e de algibeira?!....

Julio Cesar Machado.

MARIETTA ALBONI.

Marietta Alboni nasceu em Cesena (Estados Pontificios) a 10 de Março de 1826, e descende d'uma familia distincta da Romania. Seu pae, o qual era capitão, educou-a excellentemente; mas desde o principio sobresahiu n'ella uma irresistivel disposição para a musica, e aos onze annos já estava apta para cantar, á primeira vista, as peças mais difficeis. Um obscuro musico, chamado Bagiali, foi quem a iniciou nos principios da sua arte. Antes dos quinze annos partiu para Bolonha, onde foi apresentada ao celebre Rossini.

O illustre compositor apreciou immediatamente a extraordinaria organisação e precoce intelligencia de Marietta; e dedicando-se a cultivar com paternal dedicação aquellas admiraveis disposições, fez-lhe começar de novo os seus estudos de canto, e a obrigou a guiar-se desde então pelos seus conselhos e pelas suas lições. Poucos mezes depois, julgando a em estado de chamar a attenção publica, apresentou-a no theato *Communale* de Bolonha desempenhando o papel de *Sapho* da opera de *Paccini*, em que a joven artista obteve um exito assás lisongeiro.

Passado pouco tempo, confiada nos seus grandes meios e anciosa de gloria, desejou fazer-se ouvir no theatro da *Fenice* de Veneza; mas o emprezario não quiz franquear-lhe o coliseo por uma noite. Nesta occasião revelou a joven cantora a força do seu caracter, para o qual parece não haverem difficuldades invenciveis. — Havia em Veneza um theatrinho meio arruinado, em que representava uma companhia volante: a interessante Marietta dirigio-se ao director da referida companhia, e offereceo-lhe, pura e simplesmente, fazer á sua custa, os reparos de que carecesse o theatro, com tanto que depois lhe permittisse dar ali funcções por espaço de um mez. O emprezario, que vio o céo aberto com similhante proposta, acceitou-a com o maior prazer: immediatamente se deo principio á obra, reparou-se totalmente a sala, e dentro em poucos dias poude ali representar a Alboni. O povo veneziano foi tão enthusiasta pela nova cantora, que, no fim do mez, ella não só estava reembolsada do que dispendêra na obra do theatro, mas tinha de ganho mais de seis contos de réis, que repartio com o emprezario.

Merelli, director de differentes emprezas theatraes em Italia e Alemanha, escripturou-a por muitos annos

De Veneza partio Marietta Alboni para Milão (em

1841) onde a sua presença no theatro da *Scala*, produzio um enthusiasmo, como não havia exemplo desde os tempos da Pisaroni. Durante quatro epochas consecutivas fez as delicias do povo milanez. De Milão sahio a fazer um giro pelos grandes theatros de Alemanha e da Russia, e por toda a parte foi recebida com extraordinarias demonstrações de enthusiasmo.

O echo da sua marcha triumphal em breve chegou a Londres, onde o emprezario do *Covent Garden*, julgou opportuno fazer, a todo o custo acquisição da nova celebridade musical. Para este fim, mandou a Italia um emissario no começo do anno de 1846: mas a Alboni não quiz assignar nenhum contracto, e limitou-se a prometter verbalmente de se achar em Londres no mez de Março. Quando chegou a epocha marcada, a joven artista apresentou-se na capital da soberba Albion, e appareceo no theatro de *Covent-Garden*, no mesmo tempo em que Jenny Lind cantava no theatro da Raina. Apesar disto, o publico inglez applaudio com o maior enthusiasmo a nova prima-donna, e todos os jornaes lhe prodigalisaram magnificos elogios.

Quando o publico parisiense, esse publico, que com razão ou sem ella, está na posse de dar ou destruir as grandes reputações artisticas, poude ouvir na scena a excellente cantora, foi nos fins de 1847. Até então só a tinha ouvido em concertos, dados no theatro da Grande Opera: mas por elles conhecêra sufficientemente o seu extraordinario talento.

Foi pois no theatro Ventadour que Marietta Alboni fez a sua estrêa, na epocha referida, e que durante a temporada que ali esteve, cantou alternativamente, e sempre com o mesmo brilhante exito, a *Cenerentola*. *Lucrezia Borgia*, *Don Pasquale*. *Italiana in Algieli*, *Bar-*

bier di Siviglia, *Maria di Rohan*, *Gazza ladra*, *Semiramide*, etc.

Marietta Alboni esteve depois no theatro da Grande Opera, onde cantou, em francez a *Favorita*, *Carlos VI*, e o *Propheta*, tornando-se credora dos maiores elogios do publico e da imprensa.

No theatro do *Oriente* de Madrid colheo a insigne cantora abundantes e novos louros para a sua coroa artistica, nas duas epochas de 1850 a 1851 e 1851 a 1852.

Em maio de 1851, quando regressou de Madrid a Paris, cantou a *Corbeille d'oranges*, expressamente escripta para ella por Auber. Depois de ter cantado durante dois mezes a parte de *Zerlina* em Paris, foi cantal-a em Londres, e voltou depois para a Grande Opera nos mezes de setembro e outubro.

Visitou a Italia em dezembro do referido anno: cantou a *Cenerentola* e o *Barbeiro de Sevilha*, no theatro *Carignano* de Turim, e em ambas as operas excitou vivissimo enthusiasmo.

Em 1852 veio novamente a Madrid, e depois de haver ahi findado triumphalmente o contracto, emprehendeo uma viagem artistica aos Estados-Unidos da America: e em 23 de junho de 1852 deo o seu primeiro concerto em Nova-York, satisfazendo geralmente a espectativa publica. Em maio de 1853, Marietta Alboni, a rainha dos contraltos (como lhe chamavam os americanos) voltou para a Europa, a bordo do vapor Baltico, tendo na vespera dado um concerto a que assistiram mais de quatro mil pessoas.

Pouco tempo depois do seu regresso á Europa casou com o conde Pepoli, mas o casamento não lhe fez abandonar a carreira theatral, e ainda no mesmo anno cantou com grande applauso, no theatro italiano de Paris. A *Ni-*

na Pazza, do maestro Coppola, foi a ultima opera que a celebre prima donna alí desempenhou.

Em 1854 foi escripturada para o theatro de S. Carlos de Lisboa, onde produzio um vivo enthusiasmo nas operas *Cenerentola*, *Favorita*, *Sonambula*, *Barbeiro*, *Filha do Regimento*, *Anna Bolena*, *Pega Ladra*, *Semiramis* e actualmente acha-se em Paris cantando com um optimo successo a parto de *Fides* no *Propheta* de Meyerbeer.

Thomaz Oom Junior.



ADEOS A UMA CANTORA.

Anjo formoso
Do céo á terra,
Do ceo á terra
Porque baixaste?

Se foi que desejaste
Vencer um coração,
Exulta, os peitos nossos
Escravos teus já são!

As dôces notas
Que tu desferes
Que tu desferes
Porque endoudecem?

Porque nos enternecem
E os corpos nos inflammam
E dentro em nossas almas
Ternura e amor derramam?

Dos labios teus
Que meludia,
Que meludia
Tão pura sai?!

Oh! parte, genio, vai
Recebe o nosso adeos
Que as tuas notas faltam
Nas harmonias dos Ceos!

Sant'Anna e Vasconcellos.

AS QUATRO ESTAÇÕES.



A PRIMAVERA.

(21 DE MAIO.)

A *Primavera* é sem duvida alguma a mais bella, a mais mimosa, e a mais desejada das estações. E' a primeira do anno, e a unica que pertence ao genero femenino, e por isso aquella que possue maior copia de bellezas, e a que nos faz gozar mais venturas.

Que prazer não é no campo disfructar um lindo dia de *Primavera*, gozar o grato aroma das flores, respirar um ar puro e saudavel, alongar a vista por bellas campinas, revestidas de verdura, e esmaltadas de variadas flores! Aqui um mimoso arroiosinho que murmura de manso, além o gorgeio suave dos passarinhos; tudo em fim respira alegria, e tudo torna a *Primavera* a mais grata das estações do anno.

ESTIO.

(22 DE JUNHO.)

Se não fossem os excessos do calor que o *Estio* desenvolve, seria uma bella estação. No campo a sombra dos arvoredos frondosos, apresenta um util abrigo para os passeantes calmosos que não se atrevem a arrostar com os rigores de phebo ardente.

Os fins da tarde são deliciosos, e as noites de *Estio* do nosso ameno paiz, offerecem bellezas e attrativos que poucos sabem gosar

Cintra como unico refugio conhecido aos rigores do *Estio*, offerece ao grande tom da Capital deliciosos passeios, e bellas occasiões de gosar a frescura de seu clima.



OUTONO.

(23 DE SETEMBRO.)

Se os calores do Estio foram necessarios para amadurecer os fructos, o *Outono* é destinado á sua colheita.

Que belleza apresentam essas arvores frondosas pre-

nhes de corados e saborosos fructos? que prazer causa essas verdes vinhas vergando sob o pezo de seus bellos e appetitosos cachos, dos quaes se extrae tão saboroso nectar? quanto é bello ver essas fartas e douradas espigas, que representam a abundancia e a vida?!

E depois os trabalhos desta estação já são mais amenos, pois que as brisas já correm com mais frequencia por entre o já amarellado arvoredo, e vem refrigerar as calmosas e bellas segadoras que, cantando singellas trovas, não deixam de deitar de quando em quando suas ternas olhadellas aos jovens que trabalham na proxima vinha! E' que o amor no campo, ressentindo-se do vigor da natureza, desenvolve-se com mais intensidade; é que aquellas jovens acostumadas aos uzos singellos e patriarchaes do campo, não possuem as illusões das cortezãs, não aspirão ás grandezas da Corte, e por isso desejam o casamento como o unico futuro possivel d'uma camponeza.

As bellezas do *Outono* não se gosam sómente no campo; em nossas praias tambem se desenvolve um espectaculo agradavel e curioso; — queremos fallar desses ranchos de formosas e elegantes Damas que percorrem a beira mar, dispostas a passear sómente, ou querendo *hygienicamente* mergulhar seus mimosos e engraçados corpos nas altivas ondas do magestoso Tejo!

Os seus gritos *alegres*, os seus sorrisos *innocentes*, os seus temores *affectados*, offerecem uma vasta analyse ao observador curioso que folga em commentar as acções da triste humanidade, julgando-se izempto de todo o defeito!

INVERNO.

(21 DE DEZEMBRO.)

Grossas e negras nuvens toldam a abobada Celeste: o vento sopra com violencia, e o rouco som do medonho trovão já se faz ouvir! tudo annuncia um dia de tempestade! Em breve grossas torrentes de chuva se despenham, e a escuridão que envolve a natureza é interrompida de quando em quando pelo fuzilar dos relampagos, e por longas fitas de fogo que de todos os lados se cruzam com violencia! As aves occultas em seus ninhos, os animaes recolhidos om seus apriscos, tristes e tranzidos de frio, esperam impassientes que termine a scena de dissolução e horror que um dia de inverno apresenta!

Os elementos exhaustos por uma lucta terrivel, abrandam os seus furores, e a tempestade vae a serenar. Em breve as negras nuvens rasgadas em varios pontos, deixam ver um limpido céo azul, e os brilhantes raios do magestoso astro do dia, veem com o seu fulgor deslumbrante animar a natureza, que ainda ha pouco, triste e melancolica parecia prever o seu acabamento!

E que bello é observar as longas campinas, e os frondosos arvoredos, ainda deslisando aljofres, animados agora por um sol risonho e reparador que promette com seus vivificantes raios uma producão abundante!

Como é bello gosar da natureza todas as suas explendidas scenas, que nos faz acreditar sinceramente n'um Deos, creador de tantas bellezas!

E se não fosse o Inverno que dizem feio e carran-

cudo, poderiamos por acaso gosar de tão bello expectaculo?! Por aqui se vê que o Omnipotente em todas as estações crion bellezas inteiramente diversas, e que arrebatando-nos os sentidos, attestam a sua bondade e grandeza! Bemdigamos pois as suas determinações, e gosemos com uma consciencia limpa e sem remorsos de todos os bens da creação!

F. P. B. N.



O LAMENTAR DO BARDO.

Sobre alcantilada fragua
Nas visinhanças do mar,
Vai o trovador com magua
Seu alaude pulsar,
E o ecco na solidão
Repete a sua canção.

« Como é triste assim viver
« Por *ella* tão despresado;
« Que tormento que soffrer....
« Ai de mim! tão mal pagado;
« Desventurada paixão
« Me cerca d'aurea illusão!

«Sentir desflorar a alfombra
«Suas vestes roçagantes, —
«Ver desenhar uma sombra
«Seus contornos elegantes, —
«E surgir da escuridão
«Celeste, doce visão :

«Que assoma tam feiticeira
«Como Armida a encantadora,
«Tam risonha e prasenteira
«Como o despontar d'aurora ;
« Voluptuosa vibração
«Arrancando ao coração.

«E ver, quasi com despeito,
«Seus olhos aveludados ;
«E dizer : — n'aquelle peito,
« Thesouro de dons sagrados,
«Não ha uma pulsação
«Em meu pró... não ha... oh ! não !

«E' morrer a fogo lento...
«E' soffrer dura agonia !
«A hora do passamento
«Oh ! meu Deos ! quanta é tardia !?...
« Pobre bardo, chora em vão —
«Não inspiras compaixão.

F. M. Bordalo.

VERSOS SEM DESTINO.

Donzella, vês essa folha?
Solta do tronco, perdida
Vai nas aguas do tufão
A seguir o seu destino!
Eu como ella, nesta vida
Triste vago sem cessar!
Nas maguas do coração
Em densas trevas, sem tino,
Sinto a vida se exgotar!
Ai! se da folha tens dó
Porque a vês solta do tronco,
Pois me vês volver ao pó
N'um penar que não tem fim,
Consola meu pobre peito
Sorrindo-te para mim!

Julho de 1855 *A. B.*



DERRIÇOS CELEBRES.

Para que se não cuide que o a amor sómente é conhecido das mediocridades, ou como algumas pessoas ousão affirmar *occupação d'occiosos*, passamos a enumerar

as differentes pessoas, respeitaveis por seus nomes historicos, que se deixarão levar d'essa loucura, ou antes, d'essa necessidade de amar que o homem possue impreterivelmente no decurso de sua vida. Já se vê a nossa lista não será completa, pois que só mencionamos aquelles nomes que nos vieram á memoria ao correr da penna.

Principiaremos por Henocrates, que apesar de ser um dos filosophos mais famosos por sua continencia, amou Sidáte: — Aristotles, amou loucamente uma amiga de Hermias, com quem casou: — Pericles ainda fez mais, pois amou Menippa e Aspassia: — Solon, o mais celebre dos sete sabios, amou apaixonadamente Origina, filha de Amphides: — Socrates, filosopho e além disso casado, amou a joven Phygia Timandra, da qual foi mui ciosa sua mulher Myrho, filha de Aristides, o justo: — Alcibiades talvez mais *illustrado*, amou quantas mulheres havia na Grecia: Alexandre amou a Statira: — Hercules amou Omphale: — Sansão amou Dalila: — Marco Antonio amou Cleópatra: — Ann b il amou a joven Mithra, chamada a *Estouvada*, a qual não passava d'uma rapariga de Capua: — O austero Appio Claudio, amou a inconstante Hortencia: — Cesar amou Murcis, antes de casar com Pompeia: — O severo Catão de Utica amou a Marcia: — Platão queimou repetidos incensos aos pés da virtuosa Archeanassia de Colophonte, que já contava a brincadeira d'umas 60 primaveras! Depois deixou-a por Agathinia, a quem fazia os seus versinhos de pé quebrado: — Petrarca amou Laura: — Dante amou Beatriz: — Tasso amou Leonor: — Camões amou Catharina: — Byron amou Haydée: — Raphael amou Fornarina: — Beijamim Constant amou M me Stael: — Rousseau amou Thereza: e finalmente o *fazedor* d'este artigo ama uma endiabrada d'olhos pretos que lhe tem feito dar volta ao miolo!

* * *

ISOLAMENTO E AMOR.

Lembras-te, acaso, d'esse tempo magico,
Tempo bemdito, que por ti gosei;
Quando, formosa, n'um sorrir angelico,
Dos teus encantos eu m'embriaguei?!

Eras então deste viver o idolo,
Déstes á minha alma um regosijo... um bem!
C'o peito cheio d'esperanças fulgidas,
Li nos teus olhos a paixão tambem!

Depois as vozes d'uma inveja estupida,
Voraz intriga d'este mundo feroz,
Vieram, falsas, inventarem perfido
Crime, que em ti gerou ciume atroz.

Perdi-te!... E a vida, que correndo placida
Era d'esp'ranças... d'um feliz amor,
D'um denso véo cubrio-se de tristeza lugubre,
E veio esta alma mergulhar na dôr!

Depois... depois... oh!... conheceste a injuria,
Que o mundo louco contra mim formou;
Sorriste á inveja c'um sorrir sarcastico
Disseste, olhando, — novo amor te dou!

Agora deixo esse viver invalido,
A' vida volto, despresando a dôr;
Soletro agora nos teus olhos pudicos;
Nas tuas vistas bem diviso — amor!

A. H. P.



A ESFINGE.

Segundo a mythologia gentilica, a Esfinge era filha de Tiphon e de Echidna, e o retrato de seus pais é o seguinte. A estatua de Tiphon era tamanha que tocava o oriente com uma mão, e o occidente com a outra, e com a cabeça chegava ao céo. Cem cabeças de dragões assomavão por seus hombros, e o resto do corpo estava coberto de pennas e de escamas; os dedos das mãos erão grossas cobras, e os dos pés tinham a fórma d'uma rosca do corpo de serpente; os olhos scintillavam, e deitava chammas pela bocca. Echidna sua esposa era uma mulher formosissima até á cinta, porém d'ahi para baixo era uma horrivel serpente. Tal era a figura do marido e da mulher; a filha tinha cabeça e peitos de mulher, o corpo era de cão, o collo de serpente, as azas de passaro, as garras de leão, e a voz humana; considerando a figura dos paes, a prole parece formosa, sem comtudo degenerar da casta. Juno, que se suppõe mãe de Tiphon, enviou a Esfinge ao districto de Tebas no Egypto, para

castigar a familia de Cadmo a quem a deusa perseguia com odio implacavel. A Esfinge se divertia indo de povo em povo propondo enigmas, e se não lhos explicavam, devorava os seus habitantes. O oraculo de Tebas tinha declarado que logo que acertassem com a explicação de um enigma, a Esfinge se destruiria a si propria Chegando o monstro a Tebas, propoz o seguinte enigma: «Qual é o animal que de manhã caminha com quatro pés, de tarde com dois, e á noite com tres?» Os habitantes principiavam a tremer, e antes de se darem por vencidos, o rei Creon prometteo a sua corôa e a mão de sua irmã Jocasta a quem salvasse o paiz, explicando felizmente o escuro enigma; apresentou-se o afortunado Edipo o disse: — «Esse animal é o homem, porque na sua infancia anda de gatas, na sua mocidade anda direito sobre seus pés, e na sua velhice anda inclinado, apoiando-se n'um bastão.» Desesperada a Esfinge por se ver vencida, despedaçou a cabeça contra uma rocha, e espirou. Tal é a origem da fabula da Esfinge.

(*Traducção.*)



UM PARAIZO NA TERRA.

Quando Fernando III morreo, depois da tomada de Sevilha, como Santo, escapou ás penas do purgatorio. S. Thiago apresentou-o á Virgem, que lhe disse que pedisse as graças que desejava para a sua cara Hespanha. O monarcha pedio azeite, vinho e trigo, — foi concedido;

— um bello ceo, homens bravos, e mulheres d'olhos preto, — foi concedido; — cigarros, reliquias, e corridas de toiros, — foi concedido; — um bom governo... — «Não, não, diz a virgem; esta ultima graça não póde ser concedida, senão todos os anjos desertarião do céo para viverem na Hespanha.



A MULHER.

(No Album do Sr. Julio Cezar Machado.)

A mulher é toda a esp'rança
P'ra quem della não descreu,
E' quem as rosas espalha
Na senda que Deus nos deu;
E' como um anjo nas dôres,
Nas maguas do coração,
E' na vida como as flores,
Mas tem culto e adoração.

E' como formoso canto,
E' como doce harmonia,
E' como voz mais sonora
De divina poesia,
E' como um astro formoso,
Que vem luzes derramar,
Como o sopro vaporoso
Que trazem as auras do mar.

E' como a voz do propheta
Dando bençãos e alegria,
E' como um côro celeste
Descantando a luz do dia,
E' todo o amparo da vida,
Toda a crença, toda a flor,
E' como a imagem mais q'rida
Da bondade do Senhor.

E' quem vem na pobre vida
Sentimentos despertar,
E' quem solta uma harmonia,
Um canto que diz amar,
E' quem brilha aqui na terra,
Como no vale brilha a flôr,
E' ella quem tudo encerra,
Quem nos dá na vida amor.

Bemvinda, bemvinda sejas,
Bemfazejas
São tuas fallas d'amor,
São teus carinhos d'esposa,
Ninguem ousa,
Como tu soffrer a dôr.

Como tu os soffrimentos,
Mil tormentos,
E mil maguas affrontar,
P'ra callar choros d'infancia
E com ancia
Teus filhinhos apertar.

Bemvinda, bem vinda sejas,
Bemfazejas
São tuas vozes d'affeição,
Bemvinda tu que despertas
Sempre certas
As crenças do coração.

José Mesquita da Rosa.



A ROSA

De todas as flores que existem, é sem duvida a rosa a que ostenta maior belleza, e qual será a flor que a exceda na formosura de suas mimosas e delicadas côres? o seu aroma suave, a belleza de suas fórmas, a perfeição de seus botões, tudo concorre para a tornar perfeita, e para ser proclamada em todo o reino vegetal a rainha das flores.

Ha um variado numero de rosas, a qual mais bella e engraçada, porem a que merece a estimação geral, não só por sua belleza, como tambem por ser muito commum, é a que chamam *rosa de musgo*. Existem rosas de cem folhas, rosas de toucar, rosas de musgo, rosas brancas, rosas amarellas, rosas de Alexandria, e outras muitas mais, sem fallar nas chamadas *rosas do Japão*, ou antes *camelias*, as quaes, não obstante não possuirem aroma de qua-

lidade alguma, são estimadas e até preferidas pelas nossas Damas, graças á sua raridade, formosura, e talvez — capricho da moda que até entre as flores exerce seu reinado despotico.

A roseira péga de estaca e com muita facilidade, é susceptivel de enxerto, e requer um tratamento vulgar. Com as rosas se ornam as paredes dos mais formosos jardins, e tambem ostentam toda a sua belleza e galhardia em vasos, nas janellas d'algumas Damas apaixonadas... de flores.

A rosa é o symbolo da pureza, da castidade, da candura; em fim, de tudo quanto ha de bom neste mundo; é medicinal, e serve por consequencia não só para as exigencias do luxo, como para alivio da humanidade. E' com uma rosa que se enfeita a cabeça da donzella *coquette*, e o seio da virgem que — as mais das vezes — vai sacrificar todas as suas illusões no prosaico altar do hymeneo!...

F. P. B. N.



O DESCANÇO DO PESCADOR.

A tarde de um calmoso dia de estio vai a finalisar: o purissimo azul do bello céo de Italia apenas se acha toldado por alguma nuvemsinha que annuncia um sol mais ardente ainda para o dia seguinte. O pescador, cansado pelo pêso da atmosphera, a que andava exposto por



Michellis lith. *Lith. de Lopes & Bastos*

O DESCANSO DO PESCADOR.

largas horas, retira-se a seu albergue, onde o esperam o carinho de sua esposa, as innocentes caricias d'um filho, e a tranquillidade d'uma vida, se não commoda, ao menos doce e socegada. O sol se occulta no horisonte: é a hora mais solemne do dia; o pescador busca descanço ás fadigas de seu trabalho, recostando sua cabeça abrasada no regaço da companheira de sua existencia, que com o fructo de sua união em seus braços, expressa em seu semblante o socego e a felicidade, ao lado do homem a quem ligou a sua sorte.

Tal é o assumpto que o habil desenhador buscou para a formação do seu quadro. A expressão das physionomias, e a correcção do desenho o tornam por certo recommendavel.



A' MINHA AMANTE.

(IMITAÇÃO.)

Se eu fôra uma c'rôa de flores delicadas
Teus lindos cabellos quizera enfeitar;
Se eu fôra um soberbo real diadema,
Tua fronte nevada quizera c'roar!

Se eu fôra as essencias de todas as flores
Quizera perfumes em ti derramar;
Se eu fôra uma brisa correndo fagueira,
Teu rosto tão bello quizera tocar.

Se eu fôra uma rosa de côr nacarada
Quizera teus labios formosos formar;
Se eu fôra a ternura d'amante extremosa
Quizera teu seio mimoso habitar!

Mas eu não sou c'rôa, nem regio diadema,
Nem essencias possuo p'ra te perfumar,
Nem brisa fagueira, nem rosa fragante
Que vá de teus labios a côr imitar.

Não sou a ternura d'amante extremosa
Pois uma tal dita não posso alcançar;
Sómente possuo em meu peito amante
Um coração terno p'ra te offertar!



A AURORA BOREAL.

A aurora boreal perfeita observa-se com frequencia nas proximidades dos pólos, poucas horas depois do pôr do sol. Ahi ella é precedida por um nevoeiro esbranquiçado, de uma fórma regular; este nevoeiro occupa o norte, mas inclina-se um pouco para o lado do occidente. Pouco depois um traço luminoso, ou muitos traços concentricos separados por linhas obscuras, apparecem limitando o nevoeiro. E' deste arco luminoso que partem por intervallos jactos de luz, ou antes columnas de fogo, que

se perdem no espaço. Uma oscilação geral acompanha ordinariamente o desenvolvimento do fenomeno; de modo que parece que uma tempestade sacode as columnas daquelle templo de fogo que se ergue sobre o horisonte.

Então largas fendas se abrem d'um a outro extremo do segmento luminoso; relampagos, entre-cruzados córtam o meteóro, e uma corôa de fogo se fórma no zenith, para onde convergem linhas inflammadas. Quando o fenomeno attinge este estado de magnificencia, é o mais sublime espectaculo que os homens podem admirar, não só pela multiplicidade e belleza das figuras que apresenta, mas sobre tudo pelo brilho e colorido da luz de que é formado.

Os habitantes das regiões polares, acostumados a estes espectaculos, pouca attenção lhes ligam, e aproveitam-se delles para emprehender as suas viagens.



A SAUDE.

A saude é o dote mais estimado do céo, e sem saude não se póde gozar nenhum prazer real na terra. O opulento não póde desfructar as suas riquezas se necessita de saude; o mais sabio perde o vigor de suas potencias intellectuaes, com a perda da saude; e o mais pacifico, privado d'ella, perde a sua mansidão costumada.

O monarcha mais poderoso, abandonado da saude, é um ente miseravel em seu fausto real, ao passo que o

jornaleiro com saude é uma creatura feliz em sua laboriosa occupação.

Uma pessoa vigorosa e que possue bella saude, ainda que não seja nova, regosija-se com o passado, desfructa o presente, e ainda principia a gosar o futuro em sua esperança religiosa, emquanto que uma joventude enferma não póde achar prazer em nenhum dos tres tempos, não permittindo as suas doenças gozar nem esperar em nenhum delles. O amor, a virtude attractiva, sem a qual não poderia existir a natureza nem por um momento, fica extincto em um peito desamparado de saude; n'uma palavra, todas as delicias deste mundo estão presentes ou ausentes á proporção que a saude se aproxima ou se affasta de nossos coracões. Sendo pois a saude um beneficio tão apreciavel, é nosso dever adoptar todos os meios possiveis, e que estejam ao nosso alcance para adquiril-a e conserval-a, evitando tudo aquillo que nos prive desse dom, o mais precioso que Deos nos concedeo.

(*Traducção.*)





UMA LAGRIMA.

Malheur á l'enfant de la terre,
Qui, dans ce monde injuste et vain,
Porte en son ame solitaire
Un rayon de l'Esprit divin!

Victor Hugo.

Oh! que noite para o bardo, que chora,
Que se fina nos trances da dôr,
Que abraçado co'a lyra quebrada,
Só lhe resta um trovar d'amargor!

Oh! que noite — tão triste — soturna,
Esta noite, que vae a passar!
Esta noite chuvosa d'inverno,
Em que se ouve o trovão a roncar!

E fulgura no espaço a scentelha
Apressada correndo p'ra a terra,
Lá dos céos para nós vem voando
Qual ardente pelouro na guerra!

Lá nos campos immensos do espaço
Vae altiva a tormenta passando,
E em meu leito de dôr recostado,
Vou de dôr as canções entoando!

Ai do vate, que chora de noite
Com soudoso carpir gemebundo,
Que esse pobre da terra descrendo
Já deixou de viver cá no mundo!

Ai do vate, que chora aterrado,
Que na terra só sabe carpir,
Que esse pobre morreu para sempre,
—Nem a Deus elle póde servir!

Oh! que noite p'ra o bardo, que chora,
Que se fina nos trances da dòr,
Que abraçado c'o a lyra quebrada.
Só lhe resta um trovar d'amargor!

Outubro de 1855.

A. de Barreto.



GREGORIO VII.

No meio das convulsões que agitaram a Europa na edade media, os reis que cubiçavam as riquezas do clero, não se atreviam todavia a lançar mãos profanas sobre estes réditos reputados sagrados, porém repartiam

com os seus validos e servos as pingues dignidades da Igreja; — assim, a maior parte dos eclesiasticos, apenas em o nome mostravam pertencer ao sacerdocio. Todos clamavam contra esta ingerencia dos reis na eleição dos ministros de Deos, porém estava reservado a um homem obscuro, cuberto com o borel de frade, fanatico e ambicioso traçar e levar a cabo o grande plano da reforma eclesiastica, e lançar os fundamentos do poderio dos papas.

Em um povo da Toscana — em Savana — nasceu Hildebrando, um dos maiores homens da edade-media, obscuro por nascimento, seus talentos o tornaram distincto, e um luminar da ordem religiosa a que pertencia. — Foi em seu retiro de Cluni em França aonde estudava, que concebeu o plano da revolução em que se propoz subjugar o mundo ao poder da Igreja; não via em todo o mundo mais que Deos, o sacerdote seu unico ministro, e todo o genero humano seu servo. Pertendia que o clero seguisse uma só vontade, uma só paixão — a estabilidade do poder do Céo.

A igreja inteira lhe pareceu corrompida, e pertendeu reformal-a começando pela cabeça. Condemnou toda a intervenção do poder secular na distribuição das dignidades da Igreja — foi elle quem em 1059 obteve do Concilio de Latrau que a eleição dos papas fosse conferida aos cardeaes, e a de todos os prelados aos respectivos capitulos com consentimento do papa. Prohibiu rigorosamente o casamento dos padres que até ahi havia sido promettido algures. Finalmente concentrando todo o poder da Igreja no papa, incutiu no clero que este era um ser infallivel, quasi santo pelo acto da sua eleição — que elle podia nomear e depôr bispos — convocar e fechar concilios. Era, dizia em suma, um Deus na terra, senhor absoluto de todos os principes que eram obrigados

a beijar-lhes os pés, e que podia depol-os á sua vontade, absolvendo os povos do juramento de fidelidade.

Que motivo tinha Hildebrando para pertender assim elevar na terra um rei dos reis?

Não sabemos; — porém em 1075 reunira-se o conclave para eleger o papa, e um frade foi elevado á cadeira de S. Pedro sob o nome de Gregorio VII.

Este frade era Hildebrando.

Seria uma exaltação religiosa, ou ambição desmedida que guiára os passos de Hildebrando?

O que não soffre duvida, é que durante o seu pontificado atormentou a Italia e a Alemanha com uma continuada guerra civil — chamou os normandes contra Roma, os quaes queimaram a cidade e venderam como escravos os seus habitantes, e que finalmente querendo mostrar seu poder sobre o maior potentado da Europa, obrigou ao Imperador Henrique IV a fazer penitencia diante delle no pateo aberto de Canosa quando o solo estava coberto de neve; obrigou-o a permanecer tres dias e tres noites em habito de peregrino, descalço e em jejum, antes de lhe lançar a absolvição.

F. M. B.



SAUDAÇÃO.

Salve, flor, que os teus perfumes
Como sorrisos nos vem dar;
Teus cantos — nascidos d'alma —
Veem-nos terno amor lembrar!

Florinha singella,
Formoza donzella,
Tu és a mais bella
Das rosas de amor!
Encantos formosos
Te fulgem ditosos,
Sorrindo amorosos
Aos mimos da flor!

O' donzella, eu bem quizera
Meigo carme te offertar,
Mas não posso em pobre lyra
Teus encantos celebrar!

Como heide eu em cantos
Cantar teus encantos,
Se elles são tantos
Como astros nos Ceus?!
Como heide eu na lyra,
Que triste suspira,
Cantar o que admira
Os affectos meus?!

O' Donzella, recebe meu canto,
Qual o posso da lyra soltar;
Não desprezes a offerta do bardo
Por ser pobre e singello o trovar.

Se eu tivesse o cantar inspirado
Do Camões, que esta patria adorou,
Ou do cisne, que em meigos cantares
Ao Senhor sua alma entregou;

Retratar eu soubera os encantos
De teu peito tão cheio de amor!
Mas não deve o cantor da tristeza
Dar espinhos aos mimos da flor!

Recebe este canto.
Que o pobre cantor
Offerta singello
A's rozas de amor!

Março de 1855.

A. de Barreto.



OS CABELLOS.

Ovidio compara uma cabeça sem cabello a uma arvore sem folha, ou a um campo sem verdura. Se Venus com toda a sua belleza edeal tivesse sido calva, o carrancudo Volcano apezar de coxo, ter-se-hia apartado d'ella com aversão. Uns bellos cabellos, são sem duvida alguma um dos atributos mais essenciaes á formosura; não como capricho dos homens, porém como regra da natureza; como prova a attenção quasi universal que o genero humano, em todos os seculos, e em todos os paizes tem posto em preservar e cuidar deste ornamento do cor-

po. A unica nação a quem a calva tem agradado é ao Japão. Os japonezes, que parece terem feito um estudo particular para se differençarem d'entre os demais homens costumam arrancar todos os cabellos da cabeça á excepção d'um pequeno espaço de cabellos que deixam crescer com muito cuidado, e que conservam com tanta reverencia, que basta ser tocado por mão alheia, para elles se julgarem insultados em gráo subido!

Entre os Romanos o cabello ruivo era o mais estimado, e tanto homens como mulheres o tingiam, dando-lhe lustre com essencias de varios vegetaes, e algumas vezes, espargiam sobre elle pó finissimo d'oiro para o tornar mais resplandecente. O historiador Josefo diz que os Judeos de Jerusalem tinham o mesmo costume, e é provavel que os Romanos o adoptassem no tempo da conquista da Judéa. Os Hespanhoes seguiram o mesmo gosto dos Romanos, tendo em tanta estimação os cabellos ruivos, que as mulheres não se julgavam favorecidas pela natureza, quando se lhes escurecia o cabello ao passo que íam crescendo em idade, e para remediar esta falta, perfumavam a cabeça com enchofre, e banhavam as suas tranças com agua forte, para dar-lhes a côr desejada; daqui provém o não se encontrar nenhuma heroina de Romances antigos, que não tenha *tranças côr de oiro*, em quanto que as Damas dos outros paizes, para dar a seus cabellos a côr naturalmente negra que os cabellos hespanhoes possuem, faziam tinturas de varios mineraes, e as applicavam d'um modo summamente penoso até conseguir o seu fim.

Todos sabem que as nossas Damas, em remotas eras tinham por costume cortar o seu cabello, — e ás vezes bem formoso — para uzarem uma enorme cabelleira empoada, que as desfigurava completamente. Esta moda absurda e repugnante já passou felizmente, e só serviu

para provar o mau gosto e o atrazo em que viviam os nossos avós. Modernamente as senhoras penteam-se com todo o primor, e sabem, graças ao progresso da arte, tirar todo o partido possivel de seus formosos cabellos. Um penteado *á virgem*, ou *á Stuart*, dá um subido realce á um rosto bello e ingenuo, e está muito longe de competir em belleza e commodidade, com esses exagerados penteados que hoje sómente se admiram nos paineis antigos ou nas tapeçarias de longes eras.



A UMA ACTRIZ.

Artista divina, salve!
Teu sorriso virginal
Muda n'um breve momento
No mais puro sentimento
Das magoas soffrer fatal!
Se tu ris, todos sorriem;
Se tu choras, todos choram,
E do seu idolo imploram
Amor, piedade, e paixão!
Artista divina, salve!
Quem nos falla ao coração
Tem direito á affeição
De quem vive em seu sorrir,

De quem pena em seu penar,
De quem chora em seu carpir,
De quem folga em seu folgar!
Artista divina, salve!
Não desconhece o poeta
A pobreza deste canto;
Mas acolhe-o, pois é santo
O sentir, que lh'o dictou.
E em caracteres de fogo
Dentro em seu peito o gravou!
Artista divina, salve!

Junho 20, de 1855.

S.



SEMPRE É BOM SABER O CREDO.

O celebre escriptor Humo em razão da doutrina de seus escriptos, era tido por ateista. Passando um dia por uma ponte provisoria que atravessava um pantano que dividia a parte nova da velha que occupava a cidade de Edimburg, desligou-se uma taboa e com o peso de seu corpo foi Hume baldear ao fundo do fosso; não podendo tirar-se d'alli, gritou para que lhe acodissem, e ouvindo-o uma mulher movida de caridade correo para o soccorrer, porém logo que conheceo que era Hum , t da

a sua compaixão ficou desvanecida. Ora, todos sabem que a Escocia é o paiz mais religioso do mundo, e por isso os Escocezes são taxados de Puritanos, Em vão supplicava Hume á mulher para que o soccorresse, porém esta se fazia surda a suas vozes, até que por fim se escusou dizendo:

« Não permitta Deos que eu salve a vida a um ateista. » Não, boa mulher, exclamou Hume, eu não sou ateista. » Pois bem, disse ella, se não é ateista, dê-me uma prova d'isso resando o credo, e senão, deixo-o a ahi ficar. Não descobrindo o philosopho alli proximo outra pessoa que lhe valesse, não teve remedio senão subjeitar-se á condição da mulher, e com boa ou má vontade resou o credo em voz alta, e com a maior attenção, por temor que algum engano lhe fosse imperdoavel; e quando chegou ao fim, a boa mulher o ajudou a sahir do fosso, e cada um seguio muito satisfeito o seu caminho; a mulher saltando de gosto por haver feito rezar o credo a um infiel, e o incredulo filosopho convencido da necessidade de aprender de memoria, ao menos, o credo da religião dominante do paiz.

(*Traducção.*)



MORENA.

Porque choraste, Morena?
Que te dá tamanha pena?
Tão triste nunca te vi!
Como tens a côr perdida!
Que foi, dize-me qu'rida?
Não te receies de mi.

— Ao passar o Guadalete
Perdi o meu bracelete,
Que minha mãe me legou.
No dia do seu noivado
Em prenda lhe fôra dado,
Em prenda a mim o deixou.

Feitiços creio que agora
Tinha aquella negra hora
Para tal me acontecer.
Levava-o preso no braço,
Bem preso com feicho d'aço;
Como o podia perder?

— Póde ser que o *feiticeiro*
Tivesse justo o barqueiro
Para essa prenda roubar;
Que ella era que te livrava,
Que o feitiço não deixava
O teu corpo enfeitiçar.

— A virgem seja commigo.
Que fiz para tal castigo?
Em que peccado a tentei?
Deus seja c'o a minha vida,
Por me não ver eu perdida
Do mando da sua lei.

— Não chores assim Morena!
Não vale tamanha pena,
Não creias em tal desar.
Se eu trouxer teu bracelete
Perdido no Guadalete,
Em paga que me has de dar?

Nesses teus labios de rosa
Não desprendes, amorosa,
Um sorriso para mim?
Não me respondes, fallando;
Os negros olhos baixando,
Callada, dizes que sim?

Quem calla diz que consente;
Pois então minha innocente,
O bracelete aqui está.
E a paga que prometteste,
Que, sem fallar, me disseste,
Morena — paga-m'a já.

Bulhão Pato.

AS DUAS SAUDES

N'um jantar em que se achavam alguns inglezes e francezes, fizeram-se varias saudes ás Damas. Um dos inglezes, lord B... levantou-se com um copo na mão, e disse:

— A' saude do bello sexo dos dois hemispherios.

Um francez, o marquez de La Vrilliere, levantou-se promptamente, e empunhando um copo, disse:

— E eu bebo á saude dos dois hemispherios do bello sexo!

(*Traducção.*)



UM CAVALHEIRO D'INDUSTRIA.

Certo viajante fallava das diversas ordens de cavallaria que tinha recebido, e com que tinha sido condecorado em algumas côrtes da Europa, perguntaram-lhe se havia tambem recebido alguma ordem do rei da Prussia? Ah! sim, respondeu elle promptamente e com toda a ingenuidade, recebi a *ordem* peremptoria de sahir de seus felicissimos Estados no termo de vinte e quatro horas.

AVE-MARIAS.

(A JULIA.)

Oremos, fieis, oremos,
Repete o bronze distante!
Descobre te — pára — e resa
Tu que passas, caminhante!

Oh! Julia! Lembras-te acaso
Desses tempos já passados?
Não dizem nada estes sons
De serra em serra acordados?

A's vezes... ao pé d'um tronco,
Tu resavas .. e eu tambem —
As vozes cortava o bronze,
E o bronze morria além!

Era feliz esse tempo!
E aquelle ramo de flores?
E o premio? aquelle beijo
Primeiro dos meus amores?

Será eterno este affecto
A quem chama o peito amor?
Ou é curto, é passageiro,
Murcha e morre como a flôr?

— Eu te dizia ; — meus olhos
Os teus olhos procurando —
Um sorriso — era a resposta
E tuas faces córando.

Oremos, fieis, oremos,
Repete o bronze distante !
Descobrete — pára — e resa
Tu que passas, caminhante.

Tudo passou como um sonho?
Mas a saudade? essa não —
O mundo roubou-me a esperança,
Mas não mata o coração.

Tive fé nesses amores
A quem se chamam primeiros;
São mais santos — mas tão frageis
Como amores derradeiros !

Oh ! Julia ! tu bem o sabes —
Eram santos — mas coitados !
Foram nas ondas da vida
Pouco a pouco desfolhados !

Agora... sem ti... sem elles !
Tenho saudades... se tenho ?
Junto ao tronco carcomido,
Escutar inda hoje venho !

Oremos, fieis, oremos,
Repete o bronze distante !
Descobre-te — pára — e resa,
Tu que passas, caminhante.

A. E. Zaluar.

A VIRTUDE.

A virtude é filha do Céo! feliz daquelle, que desde a infancia a cultiva! Ella passa a juventude sem agitação, a virilidade sem inquietações, a velhice sem remorsos: gosa de um repouso desconhecido da maioria dos homens, entre os quaes é a unica que sabe o que é contentamento. Só tem pelas cousas mundanas uma estima proporcionada ao seu valor; todos os seus cuidados, todos os seus desejos são pelos bens celestes, que não são subjeitos o mudanças. Não lamenta o passado, de que bem ha disposto, não teme o futuro, porque alegre suas acções são o fundamento da sua felicidade. E' rica sem bens, porque o seu thesouro não tem preço; é d'uma rara belleza, porque na sua vida não ha mancha; e finalmente nada lhe resta a desejar, porque possue tudo. O seu valor é extraordinario, e as suas forças indomaveis. Dispõe da sua própria recompensa, porque tem em seu poder com que a satisfaça. A fama torna-a immortal, como a Alexandre pelo valor, a Ptolomeu pela sabedoria, a Trajano pelo amor á verdade, a Antonino pela piedade, a Constancio pela temperança, a Scipião pela continencia, e a Theodosio pela humildade.

O' gloriosa virtude! não deixes sem recompensa aquelles que a ti se ligam! tu as distribues ao pagão nesta vida; que corôa não reservarás tu ao christão na outra!! Não ha verdadeira felicidade sem ti! nem verdadeira liberdade senão seguindo-te!

A FILHA DO CASTELLÃO.

E' noite. — No somno amigo
Dorm'o antigo
Dorm'o antigo castellão,
Dormem pagens, cavalleiros,
E 'scudeiros
E 'scudeiros quantos são.

Tem o senhor uma filha
Que dedilha
Seu bandolim com primor,
Que conta em noite de rosas
Mui saudosas
Saudosas canções d'amor.

Era noite. — Eis a donzella
Na janella
Veladora appareceu;
Fita os olhos sobre a lua,
Que fluctua
Que fluctua lá no céo.

Um suspiro deu ao vento,
Vão lamento,
Que seus labios entre-abriu,
E uma lagrima de pranto
Sobre o manto
Sobre o manto lhe cahiu.

Encostou a mão ao rosto,
    Que de gosto,
Beijam ondas de luar;
E da fronte a coma veio
    Sobre o seio,
Sobre o seio balouçar.

Murmura o zephyro brando
    Respirando
De seus labios o ardor.
E vae cantar nos retiros
    Seus suspiros,
Seus suspiros só de amor.

Agitar-lhe vem o seio
    Vago anceio,
Vago, ardente soluçar,
Qual se agita, junto á plaga,
    Meiga vaga,
Meiga vaga lá no mar.

Distrahida a mão de neve,
    Roça leve
Nas cordas do bandolim:
Murmura qual doce queixa
    Uma endeixa
Endeixa que diz assim:

« Quem me déra ser a rosa,
    Que mimosa
« Beijar os zephyros vem;
« Ser a pomba que suspira
    « Que delira,
« Delira junto ao seu bem.

« Ser a limpha da corrente,
« Que indolente
« Beija a rama do chorão,
« Ser a nuvem, balouçando,
« Que roçando,
« Que roçando as auras vão. »

Assim cantou a donzella
Qual estrella,
Uma lagrima de amor
Pela face veio logo,
E do fogo
Do fogo traz o calor.

Eis entrou — audaz intento —
No aposento
Da bella um pagem loução;
Ajoelha-se aos pés della
Qual singela,
Qual singela apparição.

Grito agudo suffocado,
Solta irado
O peito da Castellã:
« Morrerás, pagem ousado,
« Degolado,
« Degolado és ámanhã.

Do pagem na face nua
Triste a lua
Projectou magico alvor.
A donzella encara o pagem;
Sua imagem
Imagem só é d'amor.

« Se por vós minh'alma é morta,
« Que me importa
« Que me vós mandeis matar!
« Outro crime quero ainda,
« Se esta linda,
« Se esta linda mão beijar....»

Com frenetico desejo
Doce beijo
Na mão della o pagem deu.
Quiz ella mostrar-se irada,
Mas turbada,
Turbada desfalleceu.....

Uma nuvem caminhante
Neste instante
Esta scena escureceu.
Mas o melhor da passagem
Foi que o pagem,
Foi que o pagem não morreu!

A. de Serpa.



FRAGMENTO.

Este Fragmento é extrahido da excellente obra = *A Existencia de Deos* = escripta por Nieuwentyt.

Mas se o que dissemos dos sentidos não basta para convencer um incredulo, façamos vêr que os mesmos limites do poder em que os nossos sentidos exteriores se acham encerrados, tambem contribuem para nos fazer mais felizes, do que se estendesse mais longe, como se tem achado nestes ultimos seculos, com os soccorros dos instrumentos.

Suponhamos que os nossos olhos tinham o poder de distinguir os objectos que não podem vêr sem microscopio, é verdade que nos fariam vêr um mundo de creaturas novas: uma gota d'agua que poderia regar uma planta, ou uma gota de vinagre, ou de materia seminal, nos pareceria um lago ou uma ribeira cheia de peixes: a espuma dos licores asquerosa, e corrompida nos parecia um campo coberto de flores e de plantas: o queijo parecia um composto de grossas aranhas cobertas de pello: o mesmo aconteceria a respeito de outras muitas cousas: que facil se seria perceber o desgosto, que produziria a vista de taes insectos, ainda que mui uteis em si mesmos? Tenho visto pessoas rirem á vista dos pequenos animaes que tem o queijo, por meio do microscopio, e retiram rapidamente suas mãos, quando cahia alguns destes pequenos insectos: porém outros faziam reflexões mais sérias sobre a sabedoria de Deos, que quiz occultar estas cousas aos

olhos dos ignorantes, e ás pessoas timoratas, e manifestal-as aos outros por meio de microscopios, a fim que os meios necessarios não faltassem áquelles que desejam penetrar estas maravilhas.

Os filosofos incredulos atrever-se-hiam nunca a desejar que seus olhos tivessem as propriedades dos melhores microscopios, supposto que elles conheçam a natureza, e o fundamento? E julgar-se-hiam mais felizes vendo estes objectos tão pequenos que engrossavam a tal ponto, ao mesmo tempo que occupavam o espasso de um grão de area? Elles não poderiam vêr objecto algum distinctamente, menos que não fosse a mui pequena distancia dos olhos, uma ou duas pollegadas por exemplo. Em quanto aos outros objectos mais distantes, como os homens, os animaes, as arvores, e as plantas, por não dizer do sol, da lua, e das estrellas, estes corpos onde brilha a magestade do ser Supremo, seriam inteiramente invisiveis, ou só os veriam em grande confusão, se os nossos olhos vissem, como quando tem os microscopios. Todos os que tem feito experiencias, concordam que por seu meio se podem vêr corpos compostos de um milheiro de pequenas partes: donde se segue que, para vêr cada cousa até ás suas particulas primitivas, a vista deve-se ainda estender infinitamente mais longe do que não se estende com a ajuda dos microscopios.

Supponhamos que os nossos olhos são grandes telescopios, similhantes aos de que nos servimos para observar tantas novas estrellas nos céos, e para fazer tantas descobertas no sol, a lua, e as estrellas, elles serião ainda sujeitos a este inconveniente, qual é de não servirem para vêr os objectos que nos cercam, e deste modo nos privaria tambem a vista dos outros objectos, que estão sobre a terra, porque veriamos os vapores, e as exalações que elevam continuamente, e que, como nu-

vens supessas, nos occultarião os outros objectos visiveis; tudo isto é mui bem conhecido dos que se servem destes instrumentos.

Da mesma sorte, se o olfato fosse tão fino e delicado nos homens, como parece ser nos cães de caça, ser-nos-hia impossivel passar por alguns logares, sem sentir as fortes impressões dos corpusculos: mil distracções dividirião então nossa attenção, e logo seriamos obrigados a fixarmos as vistas em objectos despreziveis, em logar de sublimes.

O mesmo se deve dizer da lingua, e do ouvido. Se em todas as partes do nosso corpo o tacto fosse tão delicado como nas membranas dos olhos, quanto seriamos desgraçados, e quantas dôres não soffreriamos, mesmo quando nos tocasse a mais delicada penna?

Em fim, póde-se reflectir sobre tudo isto, sem reconhecer a bondade daquelle que é o auctor?

Que, não sómente nos deu os orgãos tão nobres, mas que tem mesmo, por effeito de sua adoravel sabedoria, encerrado nossos sentidos em certos limites, sem os quaes não poderiamos indagar e examinar mil objectos da maior consequencia?.........................



A FILHA DAS SELVAS NA ILHA DE CUBA.

POESIA AMERICANA.

Em matiz de pennas das aves mais lindas,
N'uma rêde vi...
Uns negros cabellos em tranças ondadas,
E uns olhos tão lindos, tão meigos... que as fadas
Não os tem assim!...

No rosto dormente que o bronze semelha
No brilho e na côr,
Um lenço de seda, vermelho, brilhante,
Torcido na fronte se enrosca elegante
Com muito primor.

A rede de pennas em tenra *Mangueira*
Tem preso um cordão;
O outro de *Jaca* n'um tronco robusto,
Protege-lhe o corpo que oscilla sem susto
Dois palmos do chão.

Os labios tem rubros, e os dentes nevados
Surgindo em carmim;
O collo de *Garça*, os braços formosos
Caindo indolentes, mostrando vaidosos
A tez de setim.

No collo formoso, erguido com arte,
Brilhavam á luz
Dois fios mui longos de finas torquezas,
Com per'las e oiro casando bellezas,
Sustendo uma cruz.

Em pregas ao longo, se vai a camisa
Correndo prender
Na fina cintura, redonda, formosa
Com cinto de tela da côr de uma rosa
Que vem a nascer.

A saia ondulando de côr variada
Por mago pincel,
Repousa em columnas, que taes não formára
Na mente do artista o Deos que inspirára
Romano cinzel.

Na India nascêra; chamava-se Alzira
Eu vi-a a sonhar....
Gostei de miral-a, que tanta bellesa,
Que um corpo tão lindo, não quiz natureza
De jaspe formar!....

Da India era filha, formosa donzella,
E o sangue hispanhol,
De sangue mais puro tinha misturado,
Correndo nas vêas do corpo crestado
Aos raios do sol.

Na India nascêra!... esmero em belleza
Em sonhos a vi...,
E agora acordado quizera inda vêl a.
Mentira-me o sonho?.... oh céos! porém ella
Eu bem a senti!....

João d'Aboim.

GRATIDÃO E INGRATIDÃO.

Esta nobre virtude, e este vicio infame estão tão dessiminados pelo mundo que apenas se encontrará um individuo que não conheça um agradecido, ou um desagradecido. A gratidão é uma virtude que dispõe o homem a sentir interiormente o beneficio recebido, e a mostrar em suas acções o desejo de o recompensar por quantos meios estão ao seu alcance, e segundo as circumstancias do seu bemfeitor. A ingratidão é uma insensibilidade ao favor recebido, sem se recordar jamais de recompensar o beneficio porque não o reconheceu. A ingratidão tem o seu throno entre o orgulho e a crueldade, sendo uma verdade infallivel, que nunca houve nem ha pessoa alguma notavelmente ingrata, que não seja ao mesmo tempo intoleravelmente orgulhosa, ou vã; nem póde haver pessoa vã, ou orgulhosa que não se envergonhe de confessar um beneficio. O ingrato perde de vista os beneficios que se lhe fazem, porque o seu orgulho lhe faz levantar a cabeça muito alto. O orgulho de Bruto fez-lhe esquecer os muitos beneficios que havia recebido de Cezar; a ingratidão poz o punhal em sua mão, e a crueldade lhe fez atravessar o coração de seu soberano e de seu bemfeitor. O orgulho, a crueldade e a ingratidão, são tres vicios grandes, mas destes tres vicios, a ingratidão é o mais detestavel.

NO ALBUM D'UMA JULIA.

Minha Julia, eu não sou velho,
Mas posso dar-te um conselho
Que te deve aproveitar: —
Não caias em ser esposa,
Que é seguir a mariposa
Que na luz se vai queimar!

Embora rainha bella.
Embora fulgente estrella
Chame á noiva *um trovador*!
A noiva não é rainha,
E' captiva, a pobresinha!
Escrava, pois tem senhor!

Sceptro e c'rôa vão quebrar-se;
Vai o peito alli murchar-se
Vai matar-se o coração!
Ledos sorrisos d'outr'ora.,..
Meigo olhar não póde agora
Dar a outrem! — Isso não!

Rainha é só a donzella;
Essa sim! — Em torno della
Vem os vassallos viver!
Deixal-os póde esquecidos,
Ou escolher pr'a validos
Aquelles que bem quizer!

Mas ir *p'ra sempre* ligar-se;
Ir em vida sepultar-se
Sem da sua alma ter dó!....
Minha Julia, eu não sou velho,
Mas posso dar-te o conselho,
Que antes queiras viver só!

F. Palha.



A PERGUNTA E A RESPOSTA.

Um gracejador de mau gosto propoz n'uma companhia a uma senhora o seguinte problema cuja solução, como se verá, era pouco delicada:

«Que differença ha entre uma mulher e um espelho?» A senhora em vão procurou decifrar o enigma, e teve de confessar qué lhe não achava o fio.

«E', replicou o interpellante, que uma mulher falla sem *reflectir*, e um espelho *reflecte* sem fallar.»

«Agora eu, tornou logo a dama; saber-me-ha dizer que differença ha entre um espelho e um homem?»

«Não posso atinar.....

«Pois eu lh'o digo; é que um espelho é polido, e um homem nem sempre o é.»

O DESEJO.

Sou pobre, mas posso
Formar um dessjo.
Sou pobre, quizera
Ter tudo o que vejo.

Sou pobre, quizera
Palacios sem par,
Quizera castellos
A' beira do mar.

E montes e prados,
E terra sem fim,
Quizera vêr templos
Alçados a mim.

Sou pobre, mas posso
Formar um desejo,
Quizera, quizera
Ter tudo o que vejo.

Ter tudo o que vejo,
Tudo quanto vês,
Quizera este mundo
De rojo a teus pés.

Quizera sentil-o
Gemer e chorar,
Qual geme e qual chora
Nas rochas o mar.

Quizera lançar-me
Depois a teus pés,
Dizerte, meu anjo,
E' teu quanto vês.

As terras, os mares,
O mundo é meu,
E eu ó meu anjo,
Quizera ser teu.

H. O'Neill.



ANNAES DE UMA ACTRIZ.

Na secretária de uma celebre actriz allemã que ha pouco morreu na idade de 89, appareceu a seguinte curiosa nota :

« Mad. *** casou 7:0009 vezes, foi rainha 6:221 vezes, morreu envenenada 6:314 vezes, presenciou a quéda de 811 empresarios, sem que chegasse a desmaiar ;

teve 11:277 filhos e 4377 sobrinhos, o que é a maior prova de fecundidade que se póde dar; presenciou 526 duellos, apesar de estarem absolutamente prohibidos; foi enganada 6:213 vezes, que não é o peior que lhe podia succeder. Ganhou 92.344:000 francos, que ninguem sabe em que foram gastos, e morreu sem deixar um ceitil, provavelmente para mostrar que depois da morte não é necessario dinheiro.



A MINHA SINA.

O' doce rosa do prado,
A aurora porque te chove
Seu frescor?
Porque o vento enamorado
As meigas folhas te move,
Linda flôr?

E tu vaga gemedora,
Porque vens bater na arêa,
Tão veloz?
Quaes suspiros de quem chora,
Porque languida se altêa
Tua voz?

Porque vens trémula brisa
Cá nas praias do occidente
Suspirar?
Porque vaes, onda indecisa,
Dessa limpida corrente
Para o mar?

O' lua, em fulgido throno
Porque brilha a face tua
Lá no céo?
Nuvem pallida d'outomno,
Porque vaes cobrir a lua
Com teu véo?

A rola porque suspira?
A limpha porque murmura
Sem cessar?
Porque entôa a minha lyra
Só canticos de tristura
De penar?

Mysterios! — a cada ente
Deu Deus a cumprir no mundo
Seu condão:
Murmura a vaga cadente,
Da lua brilha jocundo
O clarão.

A rosa o zephyro adora,
As rolas passam a vida
A gemer,
As brisas amam a aurora;
E minha vida descrida
E' soffrer.

A. de Serpa.

O ENCONTRO.

« Que olhos pretos buliçosos,
Tão formosos ! »
Disse eu, quando a encontrei.
De tal sorte enfeitiçaram,
Lastimaram,
Louco por elles fiquei.

E minha alma decantada,
E inspirada,
Sentiu affectos d'amor :
Um quer que é de sympathia,
E poesia,
Eu lhes vi no seu fulgor.

E, qual scentelha de fogo,
Luziu logo
A' mente um raio de luz,
Que, na senda desta vida
Desflorida,
Como esp'rança eu a suppuz.

— Assim é — Que uns olhos vivos,
E lascivos,
São lindos como os que eu vi,
Tem segredos que não digo,
Pois comigo
Seus segredos entendi.

« Que olhos pretos buliçosos,
Tão formosos ! »
— Disse eu, quando a encontrei.
Mas o que destes eu disse, —
Se outros visse
Diria o mesmo ? — Não sei.

1 d'Outubro de 1855.

J. H. d'Almeida Blanco.



QUADRO DA VIDA.

Que é a vida ? — Durante a infancia
Innocencia, mimo dos céos ;
Flôr singella cuja fragancia
Só rescende de junto a Deos.

E depois ? — Depois n'existencia
Sente *amores*, desejos crescem ;
Illusão, esp'rança, e a essencia
Do *soffrer* logo apparecem.

Chega ao tumulo : e, sem mysterio,
Que *saudade* ! — Conhece e crêr
Este enigma de sonho aereo
A que nós chamamos viver.

Com a *morte*, vae-se o flagicio;
Finda tudo: paixões, amor.
Paz solemne, termo propicio
Gosa o *espirito*, e com fulgor.

1 d'Outubro, 1855.

J. H. d'Almeida Blanco.



PEQUENAS MARAVILHAS D'ARTE.

Refere Plinio e Aclien, que Myrmecides tinha feito de marfim um carro de quatro rodas, com quatro cavallos, e uma embarcação com todos os seus pertences e equipagens, que collocados um e outro em tão pequeno tamanho, que uma abelha os podia cobrir totalmente com as suas azas.

Torriannus tinha, segundo dizem, fabricado moinhos de ferro tão pequenos, que um frade levava um na manga, e comtudo cada um d'aquelles moinhos moia grão sufficiente por dia para sustentar oito homens.

Adriannus Junior vio Mechlin, em Brabante um caroço de cereja cortado em fórma de cuba, no qual elle contou doze pares de dados, sobre cada um dos quaes se viam perfeitamente os pontos.

No reinado da rainha Isabel de Inglaterra, um ourives de Londres, chamado Mark Scallot, fabricou uma

chave femea, e todo este artefacto pesava unicamente um grão. O mesmo Scallet tinha feito uma cadêa de quarenta e trez anneis, para suspender a fechadura e a sua chave, que a passava ao pescoço d'uma mosca, a qual conduzia aquelle fardo sem a menor fadiga. A cadêa, a chave, a fechadura e a mosca pesavam apenas grão e meio.

Em Halston, na Shrophire, conserva-se um caroço de pecego esculpido, onde se figura Carlos I. A cabeça sustem a corôa, o rosto e os vestidos são pintados. No outro lado está uma aguia traspassada por uma frexa, com esta legenda: — Eu forneci as penas desta frecha. — Toda a esculptura é perfeitamente executada. Está cravado em oiro e metido dentro de dois vidros. Julga-se ser obra d'um celebre gravador daquelle tempo, Nicoláo Briot.

No Muzeu Real de Copenhague existe um caroço de cereja, sobre o qual estão gravadas duzentas e vinte cabeças.



DESEJOS.

Se eu fôra da noite o astro formoso
Em teu lindo collo quizera brilhar,
Teus lindos cabellos soltára nos ares
Se eu fôra nas praias a brisa do mar.

Se eu fôra dos montes o echo sentido
Tua falla inspirada quizera imitar,
Se eu fôra das aves a ave mais linda,
No braço de neve te iria poisar.

Se eu fôra das flores a tua mais querida?
De teus olhos negros quizera um olhar,
Se eu fôra uma pomba, se rola innocente,
Teus doces afagos quizera gozar.

Se eu fôra uma trova de verso singelo?
Por esses teus labios quizera passar,
Se eu fôra uma lyra de cordas doiradas,
Sentir eu quizera tua mão dedilhar.

Mas eu não sou astro, nem lyra, nem echo,
Nem ave, nem terra, nem brisa do mar,
Sou homem que sinto, que soffro, que amo,
Que o vêr-te na terra, me pôde matar.

J. A.



EPIGRAMMA DE MR. DUFRESNY

(Traduzido por Bocage.)

De ciumes Anfriso envenenado,
A' bella Nise um dia
Entrega-me (dizia)
A fita que te hei dado,
Entrega-me o meu cão, e o meu cajado.
Ella para aplacar-lhe os vãos furores,
Meiga lhe respondeu: sobre estas flores,
Mais terno que sizudo,
Sem respeitar-me a candidez e o pejo,
Tambem me déste um beijo:
Não quero nada teu, recebe tudo.

O ANJO DA GUARDA

O desenho que acompanha este artigo é o assumpto d'uma linda poezia Franceza que nós não nos atrevemos a reproduzir na lingua Portugueza, em consequencia de não nos acharmos com forças de traduzir com a devida verdade as bellezas do verso Francez, difficuldade que poucos peritos teem vencido.

O Anjo da Guarda olhando com verdadeira expressão de bondade e interesse para o innocente infante que em seu berço dorme placido e sereno, é sem duvida um lindo pensamento, e bem reproduzido pelo lapis do habil desenhador: e depois, que de pensamentos poeticos e melancolicos nos occorrem, quando contemplamos um innocente no começo da vida, desligado ainda de todo o pensamento mundano, e entregue aos cuidados da carinhosa mãi, verdadeiro anjo da guarda que véla com incessante cuidado na conservação do fructo de seus amores? que bello e que interessante é o ver a solicitude com que ella busca adevinhar-lhe os pensamentos, e occorrer a todas as suas pequenas necessidades que sómente uma desvellada mãe sabe prevenir e remediar? Porém todos os innocentes terão um anjo da guarda que os proteja? Quantos nascem com a sina ou predestinação da desgraça, e é debalde que luctam com a sua infeliz sorte, que os acompanha desde o berço á sepultura.



O ANJO PROTECTOR.

TRADUCÇÃO DO RIMANCE FRANCEZ

TE SOUVIENS TU, MARIE.

Maria; não te recordas
No campo sobre o gasão
A nossa infancia ditosa,
Quinze annos eu tinha então?

Nossas danças tão ligeiras
Tão proprias da pouca edade,
Esse tempo dos prazeres
E que me causa saudade!

Tambem deves recordar
Meus transportes e paixão?
Quando amor tu me juraste
Vinte annos eu tinha então?

Era ardente o meu sentir,
Bella a tua mocidade;
E esse tempo dos amores
E' que me causa saudade!

Hasde as guerras recordar
Forjadas pela ambição?
A's armas corri ligeiro,
Trinta annos eu tinha então!

Ao som da belica trompa
Defendi a liberdade;
E esse tempo dos combates
E' que me causa saudade!

Ainda, querida, te recordas
Da nossa doce união?
Os annos tinham corrido,
Mais de trinta eu tinha então.

Lindas festas precederam
A nossa felicidade,
E esse tempo de ventura
E' que me causa saudade!

Mas ouvistes meus suspiras,
E teus olhos se baixaram,
Com receio de dizer-me:
«São dias que já passaram.»

São baldadas minhas queixas,
Inutil meu suspirar;
Esse tempo tão saudoso
Nunca mais hade voltar!

D. Maria Carolina Corrêa.

BONITAS E FEIAS.

As mulheres são bonitas quando amam, — quando riem, — quando choram, — quando soffrem, — quando dormem, — quando são aduladas, — quando triumpham de outra, — quando vão em caleche, = quando estão no theatro, — quando usam de botinhas, — quando dançam, e quando namoram.

São feias quando não amão, — quando comem, — quando são zelosas. — quando sahem do banho, — quando cantam, — quando se penteam, — quando se riem muito, — quando se casam, — quando lêem novellas — quando querem ter espirito, — quando são vaidosas, — quando fallam em politica, — quando são invejosas, — quando usam de calças, — quando estão á janella um dia todo, — e em fim quando são velhas.

N'UM ALBUM.

(Versos offerecidos pelas Damas de Lisboa a M.me Castellan.)

Que a heroes e monarchas adorem prostrados
Guerreiros soldados, que ao mundo dão leis.
Ao sexo mais fragil não coube por sorte
Curvar-se ante o forte, curvar-se ante os reis.

Se presta homenagem, é o culto fervente,
Que o genio sómente recebe em quinhão :
Das artes ao ceptro só rende o seu preito,
E em vez do respeito dá pura affeição.

No imperio das artes, cantora sublime,
De louros sem crime diadema susteus.
O preito recebe das almas singelas
De gratas donzellas, de esposas, de mães.

De teus doces cantos a fervida chamma
Seus peitos inflamma de incognito ardor,
E os peitos que entendem teus magicos prantos
Tributo aos teus cantos aqui vem depôr.

Neste *album* gravados, seus nomes te indicam
Que eternas cá ficam em doces prisões
Guardadas lembranças, d'encantos, de gozo,
Do ecco saudoso de tuas canções.

Assim possam elles lembrar-te constantes
De applausos brilhantes o som festival,
E ao meio das festas, ao seio da gloria
Levar-te a memoria do bom Portugal!

De Albion a opulenta as pompas e a arte,
Vaidosa a chamar-te, Lisboa não tem ;
Mas tem seu céo pura, seu clima de rosas,
E as almas saudosas te chamam tambem.

Não é aurea pompa, nem galas terrenas,
E' um céo de açucenas que encontras aqui,
E' a gala risonha, que o céo aqui veste,
E' a pompa celeste mais digna de ti.



DIFFERENTES GRA'OS DE PRAZER.

Quereis prazer por alguns momentos? fumar um charuto de contrabando. Por um quarto d'hora? vêde uma boa collecção de gravuras. Por meia hora? subi a alguma eminencia d'onde se gose um excellente golpe de vista. Por uma hora? assisti a um bem jantar, porém que não seja de etiqueta. Por duas horas? ide ao theatro Italiano, porém não em occasião que desafine alguma prima-dona. Por uma noite? ide a algum baile ou concerto, em que encontreis alguns amigos intimos com quem converseis. Por um dia? levantae-vos cedo, ide passear ao campo, almoçae bem, lêde um bom romance, conversae com um amigo, e dormi a sesta. Por um mez? namorae uma joven bonita. Por toda a vida? Sêde virtuoso, protegei a desgraça, e.... e.... e.... não sei que mais.

LEMRAS-TE ?

Lembra-fe bella Angelina
Nossa doce mocidade?
Lembra-te aquelle tempo
De que só resta a saudade?

Lembra-te quando alegres,
Contentes, ledos e a rir
Percorriamos os prados
Verdejantes e a florir?

Lembram-te aquelles beijos
D'um innocente e casto amor,
Recebidos sem receio,
Inderessados sem rubor?

Nesse tempo não havia
Malidicencia cruel
Que trocasse o nosso goso
Em pungente e amargo fel!

Nossas intenções tão puras
Como d'irmã para irmão,
Não davam nunca logar
A' mordaz murmuração!

Nesse tempo tão ditoso
Que não mais torna a voltar
Mais felizes que os monarchas
Nos deviamos julgar!

Nossa franca juventude
Antolhava um porvir,
Risonho, bello, fagueiro,
E de ventura a fulgir!

Nossa franca mocidade
O futuro não temia!
Corria após a ventura
Quando a ventura fugia!...

Agora que já provamos
Desenganos, dissabores,
Da vida não nos fascinam
Os seus vãos, falsos fulgores!

A existencia amargurada
Que passamos no presente
Quão diversa é da nossa
Mocidade tão contente!...

Então — amor, alegria,
Paz, socego, e affeição!
Agora — penas, desditas,
Desenganos e afflicção!...

Vida feliz já gosámos...
Desse tempo venturoso
Sómente resta a saudade
E um porvir tenebroso!...

F. P. B. N.

O PAPAGAIO PARLADOR.

O philosopho Locke, no seu ensaio sobre o entendimento humano, refere a seguinte anecdota:

Durante o governo do principe Mauricio no Brazil, ouvio fallar tanto d'um papagaio muito fallador que havia no interior do paiz, que fez quanto foi possivel a fim de que o trouxessem ao Rio de Janeiro para elle o vêr.

Logo que o papagaio foi introduzido na sala em que estava o principe com os seus principaes officiaes, exclamou immediatamente em lingua Portugueza: «Muita gente branca ha aqui!» Um official Hollandez que fallava Portuguez perguntou ao papagaio, mostrando-lhe o principe: «Quem é aquelle homem?» Ao que o papagaio respondeu: «E' algum general. O principe se chegou ao passaro, e mandou ao seu interprete perguntar-lhe de onde tinha vindo; ao que o papagaio respondéu: «Venho do Maranhão.» Depois mandou perguntar-lhe: Quem é o teu amo?» e o passaro respondeu logo: Um Portuguez. Admirado o principe, mandou derguntar-lhe: Que fazes em casa de teu amo? e o passaro respondeu promptamente: Trato das frangainhos. Quando communicaram ao principe esta resposta promoveu-lhe bastante riso. E como o esperto papagaio conhecesse a causa daquella hilaridade, acrescentou logo: — »Sim, senhor, sei tratar dos frangainhos; e começou logo a cacarejar, imitando perfeitamente uma gallinha quando chama os seus pintainhos.

(*Traducção.*)

VIVO SO' CO'A MINHA DOR.

(N'UM ALBUM.)

Amo o sol quando nascendo
Purpureia o horisonte,
Quando occulto atraz do monte
Inda o banha de fulgor:

Amo a lua que scintilla
Sobre a onda bonançosa,
Quando entorna graciosa
Pelo bosque doce alvor:

Amo o céo, amo as estrellas,
A bonina embalsamada;
Amo a lympha serpeada
Dando á terra almo frescor:

Amo as arvores frondosas,
A montanha verdejante;
Amo a brisa sussurante
A brincar co'a tenra flor:

Amo a corsa e a ovelhinha
Saltitando pela selva:
Amo o ginete na relva
Quando o punge nobre ardor:

Amo as aves gorgeando,
E ternas voando ao ninho,
Quando da prole no biquinho
Alimento vão depôr:

Amo o menino travesso
Ao collo dos paes soltando,
Que sorrindo o estão beijando
Revendo-se em seu verdor:

Amo os nomes tão mimosos
De pae, mãe, e de marido,
Quando amor os tem unido
Quando é nelles tudo amor:

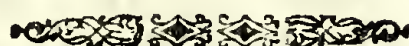
Amo a mulher triste e meiga
Languidos olhos volvendo,
Dos homens maga vencendo
Astucia, força e valor:

Amo d'uma ingrata o rosto,
Os lindos olhos do céu,
O virgineo seio seu,
Do fulvo cabello a côr:

Amo-lhe as fallas, os gestos,
Sua modestia, seu riso;
Amo-lhe o porte, o juizo,
Seu peito todo candor:

Para amar eu fui nascido ;
Mas de ninguem sou amado. . .
Vivo no mundo isolado,
Vivo só co'a minho dôr!

Silva Leal.



GRANDEZA D'ALMA.

O imperador Adriano, encontrando um homem que o tinha offendido, antes delle assumir o imperio, lhe disse: « Aproxima-te, tu nada tens a temer da minha parte: eu sou o Imperador. »

—

Os cortezãos de Filippe o Bello excitavam-no a vingar-se de um prelado que o tinha offendido: « Eu sei, respondeu elle, que posso vingar-me; mas é bom poder fazel-o, e não o fazer. »

—

Casimiro II, rei da Polonia, jogando um dia com um dos seus cortesãos que perdia todo o seu dinheiro, recebeu delle uma bofetada no calor da partida. Este gentil-homem foi condemnado a perder a cabeça; mas Casimiro revogou a sentença, e disse: « Eu não me admi-

ro da conducta deste gentil homem: não podendo vingar-se da fortuna, não é para estranhar-se que tenha maltractado o seu favorito: eu me declaro aliás o unico culpado neste negocio; porque não devo animar com o meu exemplo uma pratica perniciosa que póde causar a ruina da nobreza.

—

Luiz XII, rei de França, antes duque de Orléans, era sollicitado para tomar vingança de algumas injurias pessoaes que lhe tinham sido feitas antes de subir ao throno; porém respondeo: Que não pertencia ao rei de França vingar as injurias feitas ao duque de Orléans.

—

Quando se veio dizer ao grande Colbert, ministro das finanças no tempo de Luiz XIV, que o poeta Henaut tinha feito contra elle o famoso soneto — *Ministre Lache*, etc. — o ministro Colbert perguntou sómente se o rei era nelle atacado; e dizendo-se-lhe que não, nesse caso, replicou Colbert, deixai o auctor em paz e socego.

—

Um poeta satyrico compoz uns versos injuriosos contra o visir do principe Azir, califa da raça dos Fathimitas no Egypto, e nos quaes o mesmo principe não era poupado: o visir queixou-se-lhe, e pediu o castigo do auctor. Azir, depois de haver lido estes versos, lhes disse: como eu tenho parte comvosco na injuria, desejo que tomeis parte comigo no perdão de seu auctor.

—

O filho de Aaron Veschide, diz o poeta Sadi, veio

queixar-se de um homem que tinha calumniado sua mãe e pedir vingança contra elle. — Oh! meu filho, respondeu Veschide, tu vaes fazer mais injustiça a tua mãe, do que o calumniador; pois vaes fazer acreditar que ella não tem aprendido a perdoar.



A ELLA.

Donzella, tu és na terra
Essa estrella que se-encerra
Na mente do teu cantor.
E's a vida dos meus cantos,
O anjo dos meus encantos,
Encantos do meu amor.

A tua imagem formosa
E' qual purpurina rosa
Que a brisa veio embalar,
E' qual um astro brilhante,
Que assoma lá mui distante
N'uma noite de luar.

E's tão gentil e tão linda,
Que a ti outra igual ainda
Não vi, nem mesmo hei de vêr...
E's tão engraçada e bella,
Que não póde outra donzella
Neste mundo te-exceder.

Os olhos teus refulgentes
São dois astros innocentes
Que n'alma vejo a fulgir.
São dois fanaes de bonanças
Que me promettem esp'ranças
Que fundo no meu porvir...

E então tua côr morena?...
— E' tão linda, tão amena,
Que melhor outra não vi...
Revela-me altos mysterios;
Vale mais que mil imperios;
Vale tudo para mi...

S. P. Estacio M. e Veiga.



APOLLO.

Apollo era filho de Jupiter e de Latona, e irmão da esbelta Diana. No céo se denominava Phebo por causa de conduzir o carro do sol, tirado por quatro cavallos, e na terra Apollo. Tinha-se como deos da poesia, da medicina, da musica, e das artes: contava-se como o chefe das nove Musas, e habitava com ellas os montes Parnaso, Hélicon, Priério, as margens do Hippocrene e do Permesso, onde ordinariamente pastava o cavallo Pégaso, do qual se servia para montor. Fulminando Jupiter Esculapio por este haver resuscitado Hippolylo, Apollo matou os Cyclopes que lhe tinham ministrado os raios. Esta acção foi por causa de ser expulso do céo, e no tempo do seu desterro se sefugiou em casa de Admeto, rei de Thessalia, cujos rebanhos guardou, e Mercurio lhos veiu roubar. Ao querer segural-o, foi lançar mão do arco e das frechas, porém debalde, porque Mercurio igualmente lhas havia furtado. Depois disto, não sabendo o que faria, foi com Neptuno fabricar tijolo para ajudar Leomedonte a reedificar as muralhas de Troia, pelo que não recebeu delle estipendio algum. Tanto que as aguas do diluvio de Deucalion acabaram de escoar, matou a serpente Python, que nascêra do limo da terra, e que assolava os campos. A pelle da dita serpente lhe serviu para cobrir a tripode sobre que se assentava a pythomisa ou a sacerdotiza, para proferir os seus oraculos. Os logares mais famosos, onde elles se proferiam, eram Delphos, Delos, Claros, Tenedos, Cyrtha, e Pálara. De todos os seus templos, o mais soberbo e famigerado era o de Delphos. Leucothoe, Daphne, Clitia, e um sem nume-

re de outros, foram os objectos da sua affeição. O gallo, o gavião, e a oliveira lhe erão consagrados, por se haverem assim metamorphoseado os que ámára, tanto de um, como de outro sexo. De ordinario se apresenta com a lyra na mão, ou tendo junto a si os instrumentos proprios das artes, e posto n'um coche tirado por quatro cavallos, correndo o Zodiaco.



À SYMPATHIA.

Vi-te, ainda eras infante;
D'esse instante
A minha alma te adorou:
Vi depois muitas donzellas,
Meigas, bellas,
Mas o meu amor ficou!

Teu sorriso d'innocencia
A existencia
Fez-me então apreciar:
Eras um anjo celeste,
Que nasceste
Para aqui me consolar.

E puz-te o nome d'Elvira,
Que na lyra
Com amor sempre cantei;
Gravei n'alma o teu semblante,
Que um instante,
Nunca, nunca esquecerei!

Agora já és, donzella,
Qual estrella
Que brilha no azul do céu;
E's a flôr singela e pura,
Que ternura
Inspiras no peito meu.

E's qual timida pombinha,
Que mansinha
Mostras sempre almo pudor;
Esse fogo que em ti sentes
Não desmentes
E' por certo um casto amor!

Morde a pomba enraivecida
Atrevida
Mão que fere o amante seu,
Tambem se eu fosse ferido,
A um gemido
Te veria ao lado meu!

Vem matar o meu desejo,
Dá-me um beijo:
Oh! amor vem-me jurar!
Meu affecto é tão sincero,
Que era um erro
Deste affecto duvidar.

O sentir de Tasso e Dante,
Tão gigante,
E' de poucos corações:
E' daquelles que inspirados,
Sendo amados,
Amam como amou Camões!

José Osorio.



O DIVINO MORALES.

Ocelebre pintor Morales, discipulo de Rafael, deleitava-se em pintar cabeças de Jesus Christo crucificado, e não ha memoria de que tivesse pintado uma figura humana inteira; como todas as suas pinturas erão d'assumptos segrados, lhe derão o nome de divino, pelo qual é conhecido entre os amantes da bella arte de pintura. Quando Filippe II edificou o Escurial, mandou chamar a Morales que vivia em Badajoz, para que fosse áquelle convento fazer algumas pinturas. O pintor mandou fazer vestidos tão ricos, que quando foi á côrte parecia mais um embaixador do que um artista, e apresentado que foi ao rei, não pôde este conter um sorriso ao vêr o explendor e a magnificencia do vestido de Morales, o que sendo percebido pelo pintor disse com muita galanteria — que estando resolvido ao serviço de seu soberano, não só o seu talento, mas tambem a sua for-



Michelli lith.

Lith. de Lopes & Bastos.

A ROLINHA

tuna, tinha gasto quanto possuia para apresentar-se dignamente a sua magestade, em obediencia á sua real ordem.



A ROLINHA.

Linda rola tão mimosa
Que vagueias tão saudosa
Nas ruas deste jardim ;
Vem contar-me os teus amores,
Vem aqui entre estas flores
Repousar bem junto a mim.

Como tu abandonada,
Como tu, eu desgraçada
Passo esta vida a penar !
Em paga de meus amores
Encontrei feros rigores...
Que louca fui em amar !

Tu ao menos és ditosa,
Pois vagueias descuidosa
Por esses bosques sem fim,
Em quanto eu, coitadinha,
Por minha sorte mesquinha
Só possuo este jardim !

Tu amaste algum traidor
Que zombou da tua dôr,
Outro amor indo buscar?
Ai! que de ti tenho dó!
Desgraçada, triste, e só
Has-de no mundo acabar!

E a virgem abandonada
N'um canto do seu jardim,
Carpia o seu desgosto
Com pranto amargo sem fim!

E a rola compadecida
De ver seu triste penar,
Meigasinha e carinhosa
No seu braço foi poisar!

Coitadinha! parecia
Querer findar sua dór,
Gemendo ternos queixumes,
Queixumes de seu amor!

Ambas tristes e saudosas,
E no amor desgraçadas,
Tristes carpem suas maguas,
Em seu jardim isoladas.

D. Maria Adelaide de Sá.



IMPOSSIVEIS NESTE MUNDO.

Um criado dizer bem de seu amo — impossivel.

Uma viuva nova ter boa reputação — impossivel.

Um amante obrar com juizo — impossivel.

Um doente não ter esperanças de melhorar — impossivel.

Uma esposa amar verdadeiramente o seu marido — impossivel.

Fazer calar a bocca ao mundo — impossivel.

Escapar á malidicencia d'uma viata — impossivel.

Mulher guardar um segredo — impossivel.

Esconder objectos a ladrão de casa — impossivel.

Mulher feia ter creada bonita — impossivel.

Um amante apaixonado sem ter ciumes da sua bella — impossivel.

Uma mulher bonita sem ter vaidade — impossivel.

Uma obra verdadeiramente perfeita — impossivel.

Uma actriz virtuosa — impossivel.

Um amor verdadeiramente platonico — impossivel.

Um poeta com dinheiro — impossivel.

Um janota com juizo — impossivel.

Uma rapariga bonita sem ter namorado — impossivel.

Um jornalista fallar verdade — impossivel.

Um velho sem dores de rheumatismo — impossivel.

Uma divida paga sem repugnancia — impossivel.

Uma Prima Dona não desafinar — impossivel.

A ELLA.

Sou feliz quando te vejo,
Quando estou ao pé de ti!
Sou feliz quando em teu rosto
Alma candida sorri!
Sou feliz quando me lembro
Que és toda, toda p'ra mi!

Sou feliz quando orgulhoso
De gosar o teu amor
A minha sina deslembro,
Meus tormentos, minha dôr,
Quando as nuvens da minh'alma
Dissipas no teu fulgôr!

Sou feliz quando me dizes
Que és toda minha — só minha!
Sou feliz quando estou lendo
Em tua alma innocentinha!
Linda flor a sympathia
Teus thesoiros adivinha!

Sou feliz quando os meus olhos
Se cravam nos olhos teus,
Quando em tua mão de neve
Vão poisar-se os labios meus!
Soffro só quando te escuto
Dizer triste, longo adeus!

J. M. de Casal Ribeiro.

INFLUENCIA DOS MEZES.

A incredulidade tem feito com que se temem algumas coisas como chimeras, e se recebam outras como simples passatempo, nós não somos mais credulos que o vulgar; mas nem por isso deixamos de reconhecer que algumas proposições tidas em geral como falsas, têem seus predicados particulares, e muitas vezes certos; em prophecias já ninguem crê; os prognosticos, á força de serem explorados, esgotaram-se; porém, a paciencia recresceu, e creou mais força. A linguagem das flores já enfastiava, apesar de se tratar sempre do cravo, da camelia, etc.; as estrellas já tinham occupado um bom logar nos albuns; faltava um outro agente. Os francezes, typo do bom gosto e possuindo imaginação fertil, lembraram-se de submetter os homens á influencia dos mezes, que, pela ordem natural das coisas, ficaram tambem sendo dominados por outros entes, aliás muito nobres e muito ricos, e que figuram entre os principaes elementos da natureza, e que são bastante apreciados; e com effeito, a mangerona tinha a sua significação, as côres tambem não tinham escapado; era, por consequencia, uma grande falta esquecer as pedras preciosas quando a cove e a hortelã já occupavam um logar nos diccionarios de galanteria.

Os francezes reconheceram essa falta, admiraram-se da inepcia dos homens, e deram significados ao topasio e á esmeralda; se este trabalho que apresentamos ás Damas, que apreciam estas pequenas futilidades, merecer

a sua complascencia, encherá de orgulho o tacanho rabiscador, que, desde já, e com muito medo que lhe chamem plagiario, declara que a *influencia dos mezes* é composição franceza. Se nos cabe alguma *gloria*, é unicamente como traductor, aliás insufficientissimo, porém alguma coisa atrevido, levando o arrojo a ponto de fazer observações ao que escreveu o tal mr. não sei que, a quem devo a satisfação de poder escrever estas linhas, que espero sejam lidas com alguma benevolencia.

Janeiro. — Este mez está debaixo do dominio do *jacintho* ou da *grenada*; um, emblema da constancia em todas as coisas; a outra, da fidelidade pronunciada em todas as acções.

Fevereiro. — Submettido á influencia do *amethista*, preservativo contra as paixões, assegurando a paz á alma.

Março. — Influe neste mez o *jaspe vermelho*, que dá coragem e descripção nas emprezas perigosas.

Abril. — Dominado pela *saphyra*, arrependimento, e pelo *diamante*, que significa innocencia.

Maio. — Domina a *esmeralda*, cujos attributos são felicidade e esperança.

Junho. — Governa a *ágata*, que equivale a longos dias de saude.

Julho. — Debaixo da inflencia do *rubim* e da *coralina*, que são filhos da alegria do Lethes, e produzem penas e dôres motivadas pelas affeições adulteradas. E' um mez muito bonito pelos seus bellos dias, porém muito feio pelos seus attributos.

Agosto. — *Sardenica*, felicidade conjugal.

Setembro. — Domina a *chrysolita* (topasio oriental) que é um preservativo contra a loucura, curando as enfermidades intellectuaes.

E' nossa opinião que seriam precisos doze setembros por anno para que sete oitavas partes do globo po-

dessem entrar no uso das suas funcções intellectuaes, destruindo totalmente o vasto edificio erigido a Mômo por todos os povos de todas as côres e idades.

Outubro. — Impera a *agua-marinha*, que denota felicidade ; e a *opala*, esperança.

Novembro. — O *topasio*, cujos attributos são felicidade, fidelidade, e outras coisas bonitas.

Se nós fossemos encarregados de reformar o calendario, haviamos de tirar este mez de todas as folhinhas e almanachs, porque a sua influencia julgo-a tão diminuta, que é quasi impercebivel entre a multidão de infelicidades e infidelidades existentes.

Dezembro. — E' dominado pela *turqueza*, — grande successo em todos os successos grandes da vida.

Os dezembros são raros para muita gente, e para mim uma completa fabula; attendendo que desconheço as suas inflencias.

Noronha.



A CRUZ DE SANTO ANTONIO DA CASTANHEIRA.

I.

Pobre cruz aqui estás solitaria,
Neste ermo, sósinha, tão só!
Tu inspiras a crença não varia,
Não me deixes a crença no pó!

Tu recordas aqui, pobre lenho,
A fé toda que ensina o Senhor,
Ai tu fazes que nasça o empenho
De só termos por ti santo amor!

E revelas a vós creaturas
O divino poder do Jesus;
Afugentas idéas impuras,
Quando fito te olhamos, ó cruz!

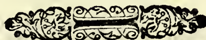
II.

Se essa cruz aqui vês *solitaria*,
Quem a vê não se vê jámais *só;*
Mas a crença que inspira é tão *varia*
Que ella abrange as estrellas e o *pó!*

Abraçado a teus pés, santo *lenho*,
Cinjo ao peito esta cruz, ó *Senhor;*
Quem não sente, não folga no *empenho*
De arder sempre em teu pudico *amor*!

E nós somos, Jesus, *creaturas*,
E tu és creatura, ó *Jesus*!
Se nascemos perdidas, *impuras*,
Filhos teus nos tornastes na *cruz!*

Julio Cezar Machado.



OS CASAMENTOS DE AGRA.

Lê-se a inscripção seguinte, traçada em letras maiusculas, na porta principal da cidade de Agra, no Indostão. «No primeiro anno do reinado do imperador Julef, annularam os magistrados dois mil casamentos, por consentimento reciproco dos espasos. Chegando esta noticia aos ouvidos do imperador, foi tal a indignação que lhe causou, que aboliu a lei do divorcio nos seus estados. No decurso do anno seguinte houveram dois mil casamentos de menos, e comtudo trezentas mulheres forão queimadas vivas por terem envenenado seus maridos, e setenta e cinco homens soffreram igual pena por haverem assassinado as mulheres. A quantidade dos moveis despedaçados e destruidos no interior das familias particu-

lares representava um vallor de tres milhões de rupias. O imperador mandou immediatamente restabelecer a lei do divorcio.»



AMO!

Amo a virgem d'olhos pretos,
Expressando mil encantos,
Quando terna e pensativa
Solta brandos, tristes prantos.

Amo a virgem que travêssa
Mil carinhos sabe dar,
Amo a virgem recatada
Que se occulta para amar.

Amo a flôr que delicada
Pela brisa sacudida,
Já perdeu as suas galas,
O seu brilho, côr e vida.

Amo a brisa que susurra
Pelas orlas da ramagem,
Derramando mil perfumes
Que embalsamam a aragem.

Amo o tenue ribeirinho,
Que deslisa tão fagueiro,
Refrescando a verde relva
Que vejeta no oiteiro.

Amo os ternos passarinhos,
Que poisados nos salgueiros,
Celebram d'um bello dia
Os instantes derradeiros.

Amo o sol com todo o brilho
D'um acasodeslumbrante,
Amo a lua quando surge
Magestosa e tão distante.

Amo a noite que serena
Docemente nos inspira,
Amo vêr milhões d'estrellas
N'um bello céo de saphira.

Amo o vento que sivila,
Amo a feia tempestade;
Da lucta dos elementos
Amo até a magestade!

Amo o raio que fulmina
O carvalho secular,
Amo as ondas altanosas
D'um soberbo e fero mar!

Amo todas essas scenas
Que nos mostra a natureza
Tão cheias de mago enleio,
E tão ricas de belleza.

Amo do mundo os encantos
Com delirio e com ardor,
Amo tudo e não encontro
Quem me tenha um terno amor!



LUXO DOS ORIENTAES.

No casamento do sultão de Selgink Malek com a filha do califa Mostadi, que foi celebrado em Bagdad no anno de 1807, gastaram-se nas sobremezas do banquete oitenta mil arrateis de assucar.

—

O sultão de Selgink, Mahommed, mandou degolar um dos seus miuistros, e no espolio deste encontraram, entre outras cousas, treze mil vestias de estofo vermelho.

—

A soberba mesquita que o califa Valid fez edificar em Damasco no anno de 711 custou para cima de quarenta milhões de cruzados. Tinha 60 alampas de oiro suspensas por cadêas do mesmo metal. Um dos succes-

sores do califa as mandou tirar, e substituir por outras de ferro, com o pretexto de que as de oiro pelo seu brilho incommodavam a devoção dos fieis.

—

Quando a imperatriz Zoé mandou em 917 uma embaixada ao califa Moktadee, a guarda do embaixador consistia em 160 mil homens, 40 mil eunuchos brancos e 30 mil eunuchos negros. Setecentos porteiros vestidos magnificamente occupavam a entrada do palacio. O rio Tigre achava-se coberto de soberbos barcos, o interior e o exterior do palacio era guarnecido por 12500 tapetes de grande preço; no centro da sala da audiencia elevava-se uma arvore de oiro massiço da qual sahiam dezoito ramos grossos, em que estavam pousados passarinhos artificiaes, mas feitos com tanta arte que imitavam o canto dos passaros verdadeiros.

A MINHA ESTRELLA.

Vi no céo em noite pura
Uma estrella scintilante,
O seu brilho fascinou-me
Desejei-a para amante!

Desejo tão innocente
Fosse embora despresado,
Foi puro como aquella
Por quem fôra suscitado.

Desd'então quando a noite
Desenrola o negro manto,
Procuro entr' os mais astros
O astro do meu encanto.

Vou sentar-me isolado
Sobre a praia solitaria,
Vou contar-lhe minhas penas,
Rigores da sorte varia.

Vou dizer-lhe quanto amo
Seu brilho, sua candura,
Repetindo cada noite
Juramentos de fé pura.

E assim vivendo soffro,
E assim vivendo góso,
Não deixando, tão distante,
D'adoral-a quanto posso.

Quiz chamar-lhe por um nome,
Mas que nome lhe daria ? . . .
Estrellinha da minh'alma
Serás tu. . . serás — Maria.

Setembro — 1854.

S. M. S.

FIM.